

Carlos Lúcio Gontijo

# ***Bodas de Bule***

**CAFÉ SEM PÓ**



Nosso primeiro livro foi um vagão de letras transportando o garimpo de sentimentos colhidos desde os 14, 15 anos de idade. Inicialmente, a maria-fumaça de nossa criação recebeu o título de “Imersão no azul”, mas veio a público no ano de 1977 com a denominação de “Ventre do mundo”. Ainda guardamos como relíquia o caderno no qual registramos os nossos versos, onde nos deparamos com alguns poemas sob a caligrafia de Conceição Nina de Oliveira, que mais tarde viria a ser minha esposa.

Em seguida, ainda naquele ano de 1977, mais um livro foi recebido na estação literária. Era “Leite e Lua”, a realidade e o sonho se misturando nos vagões da mente de um jovem poeta, que recebeu por carta o incentivo do grande Carlos Drummond de Andrade: “Vá em frente xará!”.

Dez anos depois (em 1987) lançamos “Cio de vento”, um livro de poemas em que a temática da adolescência dá lugar aos duros embates políticos e ideológicos da existência humana, firmando um estilo, uma maneira de descrever o mundo.

Daí então veio “Aroma de mãe” (1993), em verso e prosa, numa homenagem à mãe Betty Rodrigues Gontijo, que faleceu no dia 19 de dezembro de 1989. Em sequência, no ano de 1996, descarregamos na plataforma da estação literária o livro “Pelas partes femininas”, prefaciado pela professora Clélia Aparecida Souto e Couto – nossa primeira professora –, com prosa e versos sensuais louvando a grandeza e a importância da mulher na sociedade.

Logo depois, organizamos a pequena tiragem de uma “brochura” em dois volumes, nos quais juntamos as primeiras produções literárias. As cópias apresentavam capa dura com títulos dourados, sendo vendidas de casa em casa, como uma forma de levantar recursos para a edição de nosso primeiro romance (“O contador de formigas”), prefaciado pelo saudoso professor Aluísio Pimenta.

Desse momento em diante, a maria-fumaça de nossa carreira literária ganhou embalo com a chegada de muitas composições

Carlos Lúcio Gontijo

***Bodas de  
Bule***

CAFÉ SEM PÓ





**Carlos Lúcio Gontijo**



***Bodas de  
BuLe***

**CAFÉ SEM PÓ**



**Carlos Lúcio Gontijo**  
**BODAS DE BULE**  
**CAFÉ SEM PÓ**

**PROGRAMAÇÃO VISUAL,  
DIAGRAMAÇÃO E ILUSTRAÇÃO**  
Nivaldo Marques Martins

**REVISÃO**

Conceição Nina de Oliveira  
(\*\*\*)

Carlos Lúcio Gontijo  
Bodas de bule (1ª parte)  
Café sem pó (2ª parte)  
Poesia e novela - 1ª edição  
136 páginas.

Copyright by CLG 2019  
Rua Belchior Francisco, 67  
Santo Antônio do Monte - MG  
CEP 35.560-000  
[www.carlosluciogontijo.jor.br](http://www.carlosluciogontijo.jor.br)



## DEDICATÓRIA

Aos nossos filhos, às nossas netas e aos amigos que (ao longo dos nossos quarenta anos de matrimônio) frequentaram a nossa casa, ajudando-nos a tomar o café servido no bule da vida, sempre quente e saboroso como o amor construído por nós, a partir do dia 5 de maio de 1979, quando nos casamos, dividindo e multiplicando nossa existência, por intermédio dos filhos e da cumplicidade nos desejos, na realização de sonhos e na edição de livros, transformados no registro gráfico do amor de “Nina & Lúcio” – uma espécie de logomarca.

BODAS DE BULE/CAFÉ SEM PÓ, nosso 22º LIVRO, composto de poesia e prosa é a maneira pela qual agradecemos a Deus pelo milagre do encontro marcado no calendário do destino, que nos laçou e nos fez corrente de um só elo, impregnando-nos com o sentimento de que já nos conhecíamos e nos esperávamos, ao feitio de horizonte e sol, noite e estrelas, semente e chão, janela e paisagem, ou como sofreguidão de lábio entregue ao beijo apaixonado do verdadeiro amor!



José Rodrigues de Oliveira  
Benvinda do Couto Oliveira

José Carlos Gontijo  
Betty Rodrigues Gontijo

*Têm o prazer de participar o casamento de seus filhos,*

Conceição NINA de Oliveira e Carlos LÚCIO Gontijo

*a realizar-se no dia cinco de maio de mil novecentos e setenta e nove, às  
dezesseis horas, na Igreja Matriz de Santo Antônio do Monte.*

*Rua Belchior Francisco, 67  
S. A. do Monte*

*Rua Vassouras, 491  
Belo Horizonte*

### *Face Dada*

*Venha fazer moradia  
Nas tendas do meu ser  
Venha espelhar você  
Nas janelas da minha retina  
Venha encontrar-se  
Na esquina da minha vida  
Venha sentir seu cheiro  
Nos jardins do meu fundo  
Venha provar seu gozo  
Nas frutas do meu pomar  
Venha medir seu calor  
No fogo das minhas estrelas*

*Venha pesar seu corpo  
No peso do meu abraço  
Venha saber sua cor  
Na cor da minha pele  
Venha caminhar seus caminhos  
No vóo dos meus passos  
Venha curtir sua dor  
Nas chovas do meu choro  
Venha rir o riso seu  
Na face que parece minha!*





Da esquerda para a direita: Sr. José Rodrigues e Dona Benvinda (pais da Nina); José Carlos Gontijo e Dona Betty Rodrigues Gontijo (pais do Carlos Lúcio).

## PREFÁCIO

Ah, a memória... Matéria-prima da lembrança, barbante e nó que entrelaça, tece e firma o que chamamos de passado. Sim, o passado... Aquilo que, se refletirmos bem, não passa de momentos inexistentes no plano real e que só tem sentido se nós, do tempo presente, nos apegarmos a certas experiências, principalmente se decidirmos que estas valeram a pena.

A mente humana em sua majestosa capacidade de perambular entre o real e o imaginário – ou perder-se nos devaneios entre os dois – nos oferece o belo recurso de guardar, sem gastar espaço, aqueles momentos marcantes e importantes de nossas vidas. Claro que há o outro lado da moeda, pois nem sempre escolhemos o que guardar sendo que, assim, carregamos igualmente o acúmulo de traumas, medos e receios.

Quem vive a vida de forma intensa e plena está propenso a enriquecer continuamente suas recordações. Possui também o poder natural de rebobinar o tempo apenas com o fechar de olhos, ou nem tanto, bastando apenas fixar o olhar no vazio e “dar o *play* da saudade”.

E é pelos caminhos da recordação que enlaçam o passado ao presente que Carlos Lúcio Gontijo se envereda nesta sua primorosa obra. “*Café sem pó*” é uma belíssima novela que nos leva a refletir sobre a riqueza presente na memorização dos momentos mais singelos, os quais nos ligam de maneira espiritual àqueles que preencheram nossas vidas das formas mais valiosas: pelo amor, pela amizade, pelo companheirismo, pela cumplicidade etc.

“*Bodas de bule*”, versos em louvor aos 40 anos matrimoniais do autor com Nina, sua esposa, companheira na vida e cúmplice em sua caminhada no mundo poético-literário, é uma magnífica coleção de poemas, que nos induz (como sempre) à reflexão de temas atuais e universais como as mazelas sociais, ou o velho e imortal sentimento do amor que, por vezes erotizado em forma límpida, faz-se materializado no ser, no estar, nos versos meticulosamente delineados. Poemas que também nos fazem tocar na transcendência da vida para a morte, do real para o espiritual.

*“Bodas de bule” e “Café sem pó”* estão simplesmente maravilhosos, perfeitos para quem gosta de se sentar exclusivamente para desfrutar de uma bela obra literária acompanhada daquele café com sabor de saudade e com um inigualável aroma de poesia.

**Júlio César Campos**

*Publicitário e cartunista.*

*Ilustrou o livro infantil “A tartaruga Georgina”.*



O amor é iguaria divina que Deus nos serve à mesa espiritual da existência.

## BODAS DE BULE



**Hoje nosso casamento aniversaria  
40 anos de paixão em ourivesaria  
Quanta alegria nos jorra do coração  
Haverá quem nos rotule de saudosistas  
Ao ver o velho bule sobre o fogão  
Mas diante do cheiro embriagador do café  
Perceberá clima de amor e fé desde o chão  
Eternidade pagã iluminando cada instante  
Inebriando de desejo toda a nossa casa  
Enquanto beijo invisível arrepia o visitante!**

*Carlos Lúcio Gontijo*



## MULHER DE PAZ

**É de paz a mulher em que navego  
Jardim ao qual semeio e rego  
Do pão do amor ela é o centeio  
Distante dela sinto-me ao meio  
Ao seu lado esvazio a luta cotidiana  
Finco bandeira nas planícies do cio  
Onde corre rio de suor no branco do lençol  
Ardendo em nós um sol que nunca morre  
E se alguém contra a paz se levanta  
A gente o espanta com estalos de beijos!**

*Carlos Lúcio Gontijo*

# DESAQUECIMENTO

**Lá fora está a canção do milagre da prece  
Tudo acontece em germinação que cresce  
Diante de minha velha face que fenece  
Que mais parece ridículo disfarce no espelho  
Cavalo selvagem que ao relho obedece  
Uma manhã latente que jamais amanhece  
Lábio descontente que ao riso desconhece  
Tardio abraço frio que agora me desaquece...**

*Carlos Lúcio Gontijo*



## CIO TORRENTE

**Tomo copo de leite olhando-lhe os seios  
Desejos incontidos nos solicitam os meios  
Então vamos juntos para o nosso leito  
Transformamos a cama em eito de fazenda  
Onde me deleito na fina renda de seu corpo  
Terra aberta ao ramo úmido do cio torrente  
À espera do calor da semente que lhe derramo**

*Carlos Lúcio Gontijo*



# PÓ DE GIZ

**A mão da moça que lava louça  
Que varre a casa e ceva o pão  
Que à escola a criança leva  
É a mesma que espanta toda treva  
Que suplanta a dor da solidão  
Que almeja nação educada  
Que solfeja canção junto à meninada  
Em sorriso de goiabada com queijo  
Como se preciso o destino lhe fosse  
Que na horta da lousa semeia a lição  
Que deixa marca de pó de giz na porta  
Quando feliz e bem morta de cansaço  
Retorna ao doce regaço de seu lar...**

*Carlos Lúcio Gontijo*



## ASAS DE BULE

**Meu amor esparrama riso pela casa  
Enche de asas o bule da paixão  
É rama de cheiro entranhada na cama  
Companheira em festa de dois no baião  
Língua passarineira na minha boca  
Ventania louca que me leva aos céus  
Doce calma-ria banhada em mar de luz  
Amada viração de êxtase que me conduz  
Dando sentido à cruz cotidiana da existência**

*Carlos Lúcio Gontijo*



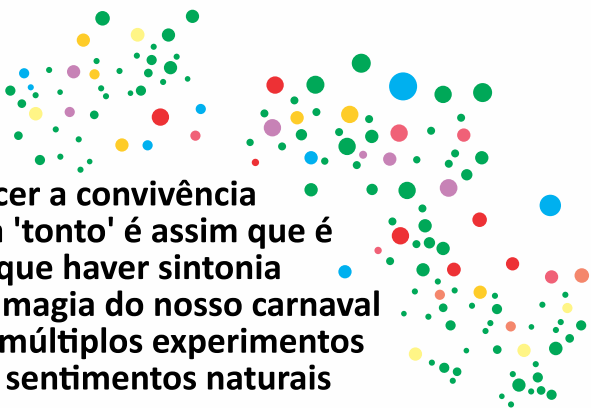
# INTIMISMO

**O tempo passa sem cessar  
Asa de passarinho no meu passar  
Eu que nada sou me possuo  
Masturbação condenada pelo que sou  
Chovendo em mim o desejo que passou!**

*Carlos Lúcio Gontijo*

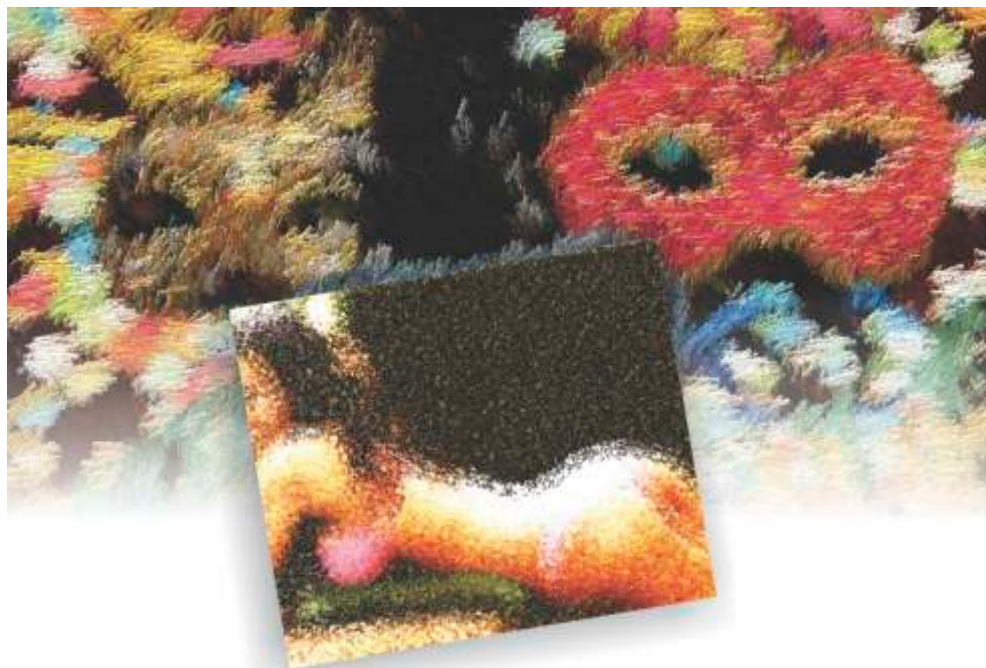


# DELAÇÃO



**O encontro faz acontecer a convivência  
Por mais que você seja 'tonto' é assim que é  
Tintim por tintim tem que haver sintonia  
A fantasia espera pela magia do nosso carnaval  
Viver exige festival de múltiplos experimentos  
Paixão confessada por sentimentos naturais**

*Carlos Lúcio Gontijo*



## RASTILHO



**Nossa condição é de povo  
Veja quanto corvo ao redor  
Esperando pelo nosso fraquejar  
Para nos esquarterar feito gado  
Nos abatedouros do labor escravizado  
Onde nossas mãos constroem riqueza  
Garantindo a mesa farta do patrão  
Cuja alegria tem gatilho na nossa tristeza  
Rastilho de pólvora semeando a revolução...**

*Carlos Lúcio Gontijo*





# DESTINO DO VENTO

O vento corre desesperado  
Busca abrigo o tempo todo  
Beira as cumeeiras das casas  
Frestas de janelas e soleiras das portas  
Mas nasceu para festa do ar em movimento  
Mal sabe que cairia em desalento  
Perante o advento de não ser o que é  
Brisa leve, pé de vento ou vendaval  
Aragem fagueira para as embarcações  
Sopro de vida e viagem para as nuvens  
Desalinho para o cabelo da moça  
Que em desmazelo se entrega ao amado  
Sob os efeitos do tornado do coração

*Carlos Lúcio Gontijo*



# PORTO INVISÍVEL



**Morrer é momento tranquilo  
O invisível passa a ser porto  
Vê-se o espírito e põe-se a segui-lo  
Nada nos pode gerar desconforto  
Depois da certeza de se estar morto**

*Carlos Lúcio Gontijo*



# SEBO

**Sou livro emprestado em suas mãos  
Quero ser decorado e jamais devolvido  
Ando sabendo mais de céu que de terra  
Encerra em mim o tempo que se foi  
Faça análise de texto e me aperfeiçoe  
Descubra em mim o que não percebo  
E remeta minhas velhas páginas ao sebo!**

*Carlos Lúcio Gontijo*



# GALÁXIA DE SALIVA

**Assim é o pó da magia do amor  
Todas as mulheres numa só  
Talheres de porcelana estelar  
Expostos a brilhar na cama  
Cuidados com a mesma flama  
Pela varinha de condão da minha mulher  
Sedutora fada-madrinha que me domina  
Menina banhada em poção de estrela mouca  
Que me ensinou a vê-la como constelação  
Galáxia de saliva no céu da minha boca...**

Carlos Lúcio Gontijo



# FLOR DOS OLHOS

**No largo da escuridão do mundo  
Eu jamais largo a sua mão  
Suas mãos são olhos para mim  
Assim como flor é visão para jardim**

*Carlos Lúcio Gontijo*



# CHORO PASSAGEIRO

**A morte sempre nos vem  
É assim a vida que se tem  
Meu coração é peça frágil  
Tropeça em capítulo de novela  
Acende vela diante do caminho  
Pois tudo depende de jeito  
O efeito é gerado pela emoção  
Pela qual muita coisa perdura  
Fica no ar a candura da canção  
Dura a lágrima e o choro passa!**

*Carlos Lúcio Gontijo*



# DEMORA

**Pensar em ser só me assusta  
Custa-me imaginar a solidão  
Dispor apenas das batidas do coração  
Eu que ganho o mundo sem sair do lugar  
Apanho viagens nos olhos de quem namoro  
E sempre demoro chegar a mim mesmo!**

*Carlos Lúcio Gontijo*





## ALÉM DE MIM

**Senti desejo de me enlouquecer ao vê-la  
Era minha oportunidade de me esquecer  
E ter em mim alguém além de mim  
Tão assim maior e bem-vinda  
Que ainda que diante de cruel distância  
Eu não sofreria a ânsia da saudade  
Bastar-me-ia a fragrância da ausência**

*Carlos Lúcio Gontijo*



## CURA

**Debruço-me solitário ao telefone  
Tenho fome incontida de comunicação  
Percebo que não me encontraria sem você  
Na sala da palma da mão a recebo  
Precisamos de muita calma para nos ver  
Para dar chance ao acontecer da vida  
E curar toda ferida ao sol do amanhecer...**

*Carlos Lúcio Gontijo*





## O SIM DO NÃO

**Não ser é a configuração do que é  
Não ter se transforma no que se tem  
Mal sem fim se transveste de bem  
O que não passa é coisa permanente  
Tudo que fica (ou vai) enraíza na gente  
Tristeza profunda costuma esboçar riso  
É preciso todo impreciso costumeiro  
Por isso gargalhamos na dor profusa  
A mente confusa então desanda  
E choramos como cúica no samba!**

*Carlos Lúcio Gontijo*

# DUAS TAÇAS

**Leio repetidamente o seu livro preferido  
Nele estão seu cheiro e o crivo de suas marcações  
Sirvo licoroso vinho para dois em noite fria  
Uma saudade imensa me espia até a alma  
Por mais que eu faça não a esqueço  
Bebo a dupla taça madrugada adentro  
Enquanto você caminha dentro de mim...**

*Carlos Lúcio Gontijo*



# AFETO

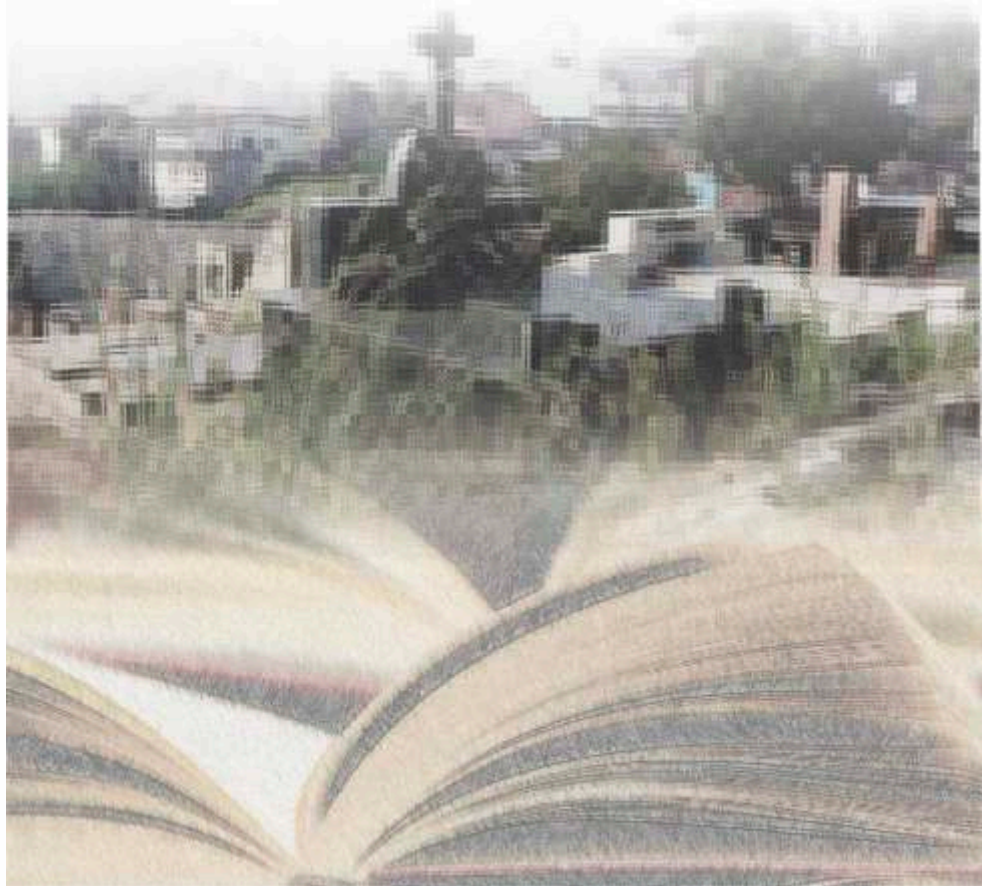
O amor flerta todo o tempo com o ódio  
Caminha entre excessos de doçura e sódio  
Sanidade mergulhada em loucura  
Que frustra quem está à procura de paz  
A solução se concentra mais é no afeto  
Jeito correto de se ligar ao outro  
Avaliar que a vida é um acontecimento  
Sem o tormento de futuro ou presente  
Ciente de que as aparências enganam  
Tanto aos que amam quanto aos que odeiam  
Enquanto os afetuosos se aceitam como são

*Carlos Lúcio Gontijo*

# LEITURA DE GENTE

**A morte põe fim ao vínculo material  
Solerte a família corre a dividir a tralha  
Limpando a presença de quem morre  
Doando suas roupas e pertences pessoais  
Esvaziando os manuais de sua biblioteca  
Como se gente querida fosse livro bom  
Que perdeu o tom do tempo incessante  
Na mão ignorante de quem jamais o leu**

*Carlos Lúcio Gontijo*



## LUZES DE PARIS



**Precisamos de chuva, sol e vários aromas  
Observar a beleza da vida além de seus rizomas  
Momentos bons nos enchem de visões primaveris  
Embriagam-nos de luzes de Paris na escuridão  
Transformam em sinfonia a canção de uma nota só!**

*Carlos Lúcio Gontijo*

# BAIRRO ELDORADO

**A alma sabe o lugar que lhe é pávio  
Que lhe abre a porta ao navegar luzidio  
Então me colho na horta dos passos  
Alimento-me do divino molho do aprendizado  
Contagem me oferece o borbulho de suas ruas  
E no Eldorado de ilusões nuas debulho a colheita...**

*Carlos Lúcio Gontijo*





## INTERVENÇÃO DIVINA

**Não domino o ânimo que me provoca  
A luz que sempre me toca eu não vejo  
Nem percebo a mão que me conduz  
Apenas sinto em mim o mágico velejo  
Um içar invisível de beijo de esperança  
Que me guia nos perigosos mares da vida  
Colocando-me ares de caravela na face  
Para que eu receba o ardor da viração divina  
Nas minhas horas tristes de remador em aflição**

*Carlos Lúcia Gontijo*



# ENTE ILUMINADO

**Apesar dos desvelos do mundo  
Família é sagrado novelo de zelos  
Nela o desencontro é perdoado  
Por ser núcleo de salutar aprendizado  
Oportunidade indispensável à formação humana  
Carente de branda sensibilização emocional  
Sem a qual desanda a convivência social  
Por isso se tem o lar como porção espiritual  
Eucaristia buscada por Deus para união do Filho  
Que então ganhou o brilho misto de santo e gente  
Um ente iluminado chamado Jesus Cristo!**

*Carlos Lúcio Gontijo*



# CHIP ESPIRITUAL



**Na palma de minha mão os caminhos a seguir  
Uma impressão de mapa natural na própria pele  
Promessa de Mercado Central e cantoria na Lapa  
Sinal de quimeras guardadas em mim mesmo  
Chip espiritual implantado em minhas vísceras...**

*Carlos Lúcio Gontijo*



# CLARÃO

**Você trazia pó de estrelas nos olhos  
Eu que há muito andava triste e só  
Estendi-lhe o céu do meu coração  
E então aconteceu o clarão do amor**

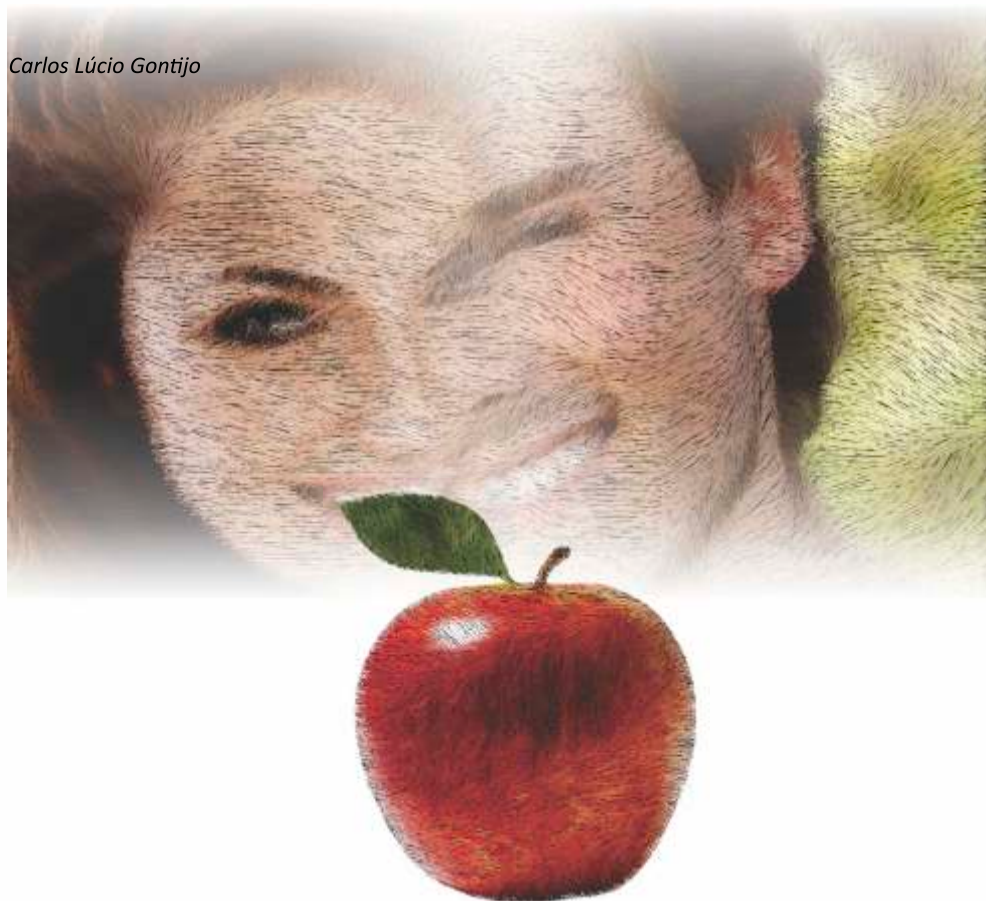
*Carlos Lúcio Gontijo*



# VAIVÉM

**Tudo vem certamente porque nós vamos  
Nós vamos para esperar o outro que vem  
A troca estimula o movimento das coisas  
O giz dá vida à lousa clamando por lição  
Face feliz evidentemente ganha brilho  
A fruta deseja a sanha da boca de alguém  
Todo encontro provém do nosso vaivém**

*Carlos Lúcio Gontijo*



# OMBRO AMIGO

**Meu amor me chama mesmo sem nada querer  
E quando vou ver descubro que ela tudo quer  
Por qualquer coisa choraminga e faz assombro  
Para depois se refazer debruçada no meu ombro**

*Carlos Lúcio Gantijo*



## DOIS EM UM



**Quando meu amor se encaixa em mim  
Entramos em faixa de pura sintonia  
Numa harmonia pouco comum  
Dois corpos transformados em um  
Vivamente mortos depois do prazer...**

*Carlos Lúcio Gontijo*

# CORDIALIDADE

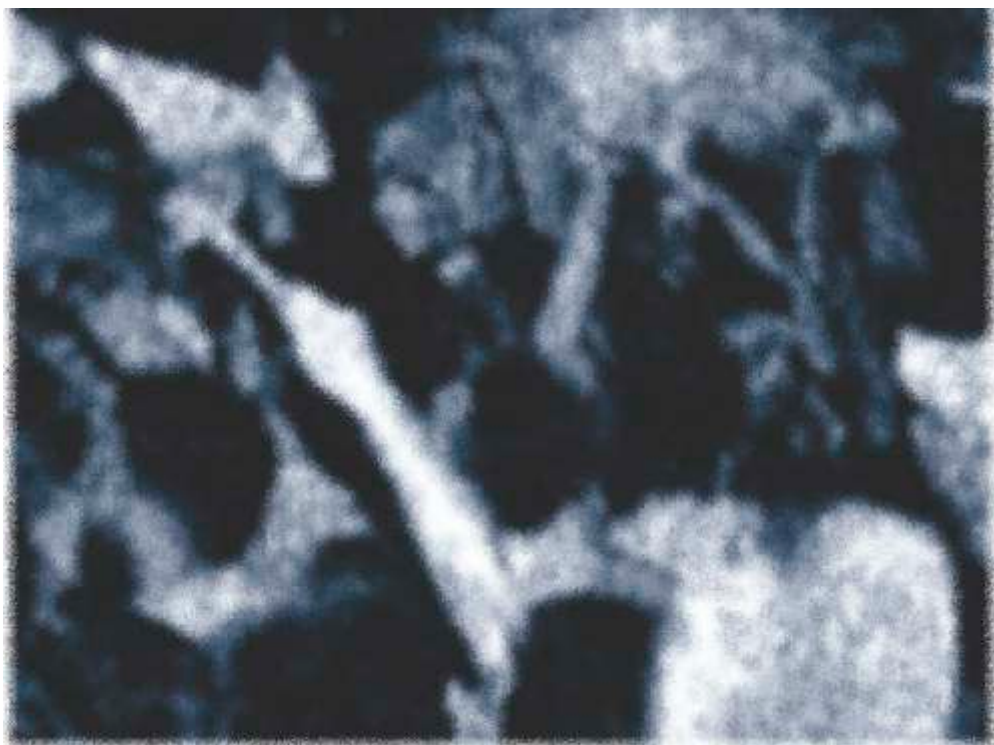


**Somos sempre bem cordiais  
Relevando questões pessoais  
Evocamos Deus na despedida  
Mesmo quando pês da vida**

# REAJA POVO!

**Os homens maus agem unidos  
Não dão ouvidos a nada  
Tramam madrugada adentro  
Enquanto pessoas de bem contemporizam  
Temerosas amenizam a violência  
Clamam por alguma providência divina  
Em atitude que ao livre-arbítrio ultraja  
Perante Deus que brada: Reaja povo!**

*Carlos Lúcio Gontijo*





# ESQUECIMENTO DO LAR

**Os filhos crescem e voam  
Outros sonhos povoam  
Vivem noutros ambientes  
Buscam somente ao novo  
Saíram do ovo e assim é  
Toda libertação é imane  
Perde-se a visão dos pais  
Diante de vitrine em Miami**

*Carlos Lúcio Gontijo*



# SÍNDROME UMBILICAL

**A vida não é lápis com borracha  
Desculpa não é graxa para perdão  
Uma coisa é o erro casual  
Outro ponto é o ódio usual  
Para tudo há que haver um limite  
Quem tudo permite atrai pelourinho  
Dar asas ao inimigo é descaminho  
Morre sozinho o adorador do umbigo**

*Carlos Lúcio Gontijo*



# MÚSICA

**Com a realidade não me zango  
Por gosto desejaria ouvir roque  
Mas minh'alma solicita tango  
À espera de paixão rosa-choque**

*Carlos Lúcio Gontijo*



# DECÊNCIA

**A vida corta em linha reta  
Está sempre na conta certa  
Por isso não costuma dar troco  
Não perdoa santinho do pau oco  
Impõe castigo aos enganadores  
Com os pecadores não é complacente  
E só credita o cidadão decente**

*Carlos Lúcio Gontijo*



# CAVALEIRO DA LUA

**Sobre mim a sombra de uma espada  
Apontada para minha desmaterialização  
Promessa de libertação à alma atarantada  
Que é porção caída de ninho de luz  
Onde se reúne o cadinho dos corpos  
Cada qual com o seu cavalo de São Jorge  
E os feitos de viajante espiritual no alforje**

*Carlos Lúcio Gontijo*



# TUDO PASSA

**Jamais se prenda a radicalismos  
Aprenda a erigir entrada e saída  
Nenhuma estrada é trilha segura  
Nada perdura pela vida afora  
Tristeza passa e alegria vai embora  
Viver tudo intensamente é o segredo  
Coragem sem medo representa perigo  
Nunca sabemos se é tarde ou cedo  
Para traçarmos o enredo do destino  
Norte de adulto com sonho de menino**

*Carlos Lúcio Gontijo*





## COLHEITA DE OLHOS

Reencontrei a moça dos olhos verdes  
Que nas redes do tempo se foi  
Passaram-se depressa os anos  
Pelos desenganos fomos separados  
Recolhido em minhas lembranças  
Eu a vi de longe ao lado do marido  
Desfilando verdes olhos amadurecidos  
Que por outras mãos foram colhidos

*Carlos Lúcio Gontijo*



# BULE MÁGICO

**Eu e Nina sempre esperamos por visita  
Ao café novo quem chega corta a fita  
Inaugura bate-papo guardado no coração  
Poção mágica aquecida em antigo bule  
Capaz de nos fazer que a vida logo azule...**

*Carlos Lúcio Gontijo*





Carlos Lúcio Gontijo

# CAFÉ SEM PÓ



**Carlos Lúcio Gontijo**

**CAFÉ  
SEM  
PÓ**





**Se não prestarmos bastante atenção, jamais experimentaremos a felicidade de viver a plenitude do tempo presente, que tem o brilho e a rapidez da fagulha de um tiro no escuro.**

## INTRODUÇÃO



“CAFÉ SEM PÓ”, uma novela, um enredo de vida, que se alimenta de matéria e de fragmentos do invisível servidos à mesa do nosso dia a dia, com o poder de agir em nossa mente, na condição de energia tangível, através da abrangência de nossos gestos e atitudes perante os nossos semelhantes.

A permanente sintonia entre o que vemos e o que não enxergamos é o que nos dá o sentido de visão e perspectiva de mundo, ensinando-nos que (sem essa visualização espiritual do que nos rodeia) perderíamos a sensibilidade de vermos a nós mesmos e, ao mesmo tempo, a cada um dos seres humanos, tanto únicos (e diferentes) em seu universo particular e pessoal, quanto interligados no milagre de partículas do mesmo feixe de luz do Criador, apesar de meticulosamente separados, a exemplo do dia e da noite, que não se encontram, mas sabem da existência um do outro.

Assim como o amor que se conhece já era conhecido, o cheiro do pó de café habita o grão que sequer foi colhido. Tudo é fruto

detentor de latente capacidade de transformação, que existe mesmo antes de acontecer, como é caso da morte que ronda a vida e da vida que se conforta na crença do bálsamo da eternidade do espírito – temporariamente aprisionado na carne em busca da verdadeira liberdade, construída pelo aprendizado e pelo nosso aperfeiçoamento da consciente energia imaterial, que nos faz irmãos de todas as claridades estelares.

As pessoas que aprendem a lidar com os sinais do invisível se tornam as mais felizes na arte de viver, onde quase tudo está por vir, inclusive dentro do presente, que sempre está por acontecer e, quando se materializa, nos deixa com a sensação de que já passou, gerando um enorme descontentamento, uma vez que poucos são aqueles que conseguem aproveitar o momento, como se o ato comum fosse o cometimento do equívoco de colocar o presente à espera de nossa disposição para vivenciá-lo e assim, quando resolvemos abraçá-lo, ele já passou – perdeu o verdor e o gosto de fruta fresca.







**A vida carece da magia da busca de um sonho impossível, algo que nos impulsiona incessantemente e, ao mesmo tempo, nos descortine os nossos limites e limitações como seres humanos.**

Ciro tinha uns 6, 7 anos, quando, diante da porta de sua casa, se surpreendeu com uma ventania rodopiando, que levantava papéis e poeira da rua.

– O que é aquilo? – Indagou sôfrego, à mãe Antônia.

– É um redemoinho, meu filho.

– Mas o que faz isso?

– Acho que é o mágico dos ventos, limpando a sua morada de ventania. Quando eu era criança minha mãe, sua avó, dizia que se a gente entrar no meio do redemoinho com garrafa aberta e rolha nas mãos pode até prendê-lo!

Então, desde aquele dia, Ciro passou a ter uma garrafa preparada para conseguir a peripécia de trancafiar o mágico dos ventos. Claro que não conseguiu, mas descobriu que a simples possibilidade de alcançar um sonho nos ajuda a viver, dando sentido, sensibilidade e espiritualidade à nossa existência, que é muito mais do que a nossa materialista visão social é capaz de ver.

A vida não era fácil para os pais de Ciro. A mãe costurava, fazia doces e salgados para vender, enquanto o pai (Hugo Santana)



cursava direito pela manhã e trabalhava à noite como linotipista numa grande gráfica. Moravam no Bairro Senhor Bom Jesus em Belo Horizonte, próximo da igreja, na Rua Vassouras. Ciro gostava de ajudar o padre Heli de Oliveira Mendes, pároco que havia casado seus pais e também o batizado. Sua tarefa preferida era limpar as imagens sacras, encantado com o trabalho de quem as esculpiu. Era como se, além de ver, estivesse a fazer uma leitura em braile, arquivando curvas e detalhes na memória dos dedos.

Naqueles anos de 1950, o bonde ainda circulava do centro da cidade até a pracinha, com ponto final em frente à igreja. Ciro passava um tempão assistindo ao bonde chegar e sair apinhado de passageiros. Cultivava extrema admiração no tocante ao motorneiro, não escondendo de ninguém que seu propósito na vida, além de pegar o mágico dos ventos, era ser chofer de bonde.

Ciro foi estudar no Grupo Escolar Tomás Brandão, situado na pracinha, proporcionando-lhe uma comodidade que poucos podiam ter: perto de sua casa, da igreja, da parada de bonde e da sua garrafa à espreita de pé de vento. E assim os dias foram se sucedendo, um após o outro e mais outro, feito cana-de-açúcar alimentando a moenda de engenho. Não mais que de repente, Ciro se viu jovem defronte do espelho, cheio de pelos, apelos e percepções de mundo, inclusive da solidão em que vivia sua mãe, pois seu pai estava sempre fora, nunca tinha espaço na agenda para a família. Sentia-se órfão de pai vivo e cada vez mais grato à sua mãe, que de tudo fazia a fim de lhe dar aconchego e noção de importância da união familiar, ainda que à custa da própria felicidade, como se nele (o filho) estivesse tanto a sua motivação de vida, quanto a materialização de seus passos no presente, acompanhados pela possibilidade de seus olhos se debruçarem

sobre o futuro, numa construção mágica capaz de exalar parte de sua energia no planeta Terra, mesmo depois de ela, perdidos os sinais vitais, tomar o caminho do natural retorno aos feixes de luzes espirituais que iluminam o universo.

O bule de café sobre o fogão se transformou na marca registrada da casa, um símbolo do dia a dia solitário de Antônia, sempre à espera do marido Hugo, que fez do lar mera casa de passagem – um dormitório em que tomava banho e guardava roupas e sapatos. Cenário assim ruim mexia demais com a cabeça do jovem Ciro, que mal conseguia conversar com o pai, que lhe destinou tanta desatenção a ponto dele se sentir um pote, em carne e osso, cheio de mágoas, prestes a derramar. Se Hugo chegava, Ciro se recolhia ao quarto, como maneira de evitar possíveis discussões, que sem dúvida ampliariam ainda mais o descontentamento da mãe Antônia.

Entre um atropelo e outro, Ciro foi aprendendo que sua mãe permanecia, erroneamente, casada em defesa e obediência à lei bíblica, que ordena a manutenção de união matrimonial até a morte, pouco se importando com o perecimento de um dos pares (ou de ambos), o que também é forma de ferir e desrespeitar a graça da vida gerada pelas mãos do Criador. Antônia e Hugo Santana não carregavam no dedo anelar uma aliança, mas uma corrente, grilhão e amarra escravizadora.





**Amor e ódio são sentimentos carregados de acerbos e exageros e, como todos os extremos inerentes à imperfeição humana, terminam muitas vezes se encontrando. Talvez por isso estejamos mais próximos da realidade ao conjeturar que Deus tenha criado o universo em celestial momento de puro afeto.**

– O tempo vai passando e nos marcando como se fôssemos gado. – Murmurou Antônia.

– E o somos, minha mãe! – Respondeu laconicamente Ciro, que se preparava para ir trabalhar.

Ele não obteve êxito na captura do mágico dos ventos, mas era motorneiro do bonde. Não ganhava salário alto, mas era feliz por exercer a profissão com a qual sonhou desde criança. No bairro Nova Esperança, logo após o final de uma forte descida e início de íngreme subida, Ciro comprou um lote, no qual esperava construir uma casa e se casar com Márcia, jovem professora que conheceu nas idas e vindas do bonde.

Dos tempos de infância ele havia preservado a amizade com o padre Heli e o gosto de frequentar o pequeno cinema ao lado da igreja, ao qual devia muito de sua formação cultural e a oportunidade de fuga de seu lar, que era emocionalmente sustentado apenas pela mãe, única fonte de calor para as paredes frias da casa.

Baseado na sua experiência familiar, Ciro considerava o amor um sentimento exacerbado e tão irascível quanto o ódio. Sob seu ponto de vista, construtivo e angelical era o afeto, do qual transborda o poderoso predicado de guardar o outro fraternal e afetuosamente no coração, sem julgamento nem prejulgamento, sem cobrança nem desejo de posse ou domínio – tão-somente afeição desvestida de interesses!

Ao passo que Ciro se ocupava com o trabalho e o afeto por Márcia, sua mãe assistia ao aumento de sua solidão. Hugo montou escritório de advocacia bem-sucedido com Alaida, uma ex-colega de curso de direito e, em vez de compensar e ser grato ao sacrifício da esposa que lhe havia auxiliado no custeio de seu estudo e manutenção das despesas domésticas, se fazia ainda mais ausente.

Insensivelmente, como toda pessoa que se deixa levar pelo materialismo, tratou de disfarçar sua ausência promovendo grande reforma na casa. Para isso, alugou e depois comprou a residência ao lado, erigindo uma bela mansão vazia de felicidade, uma vez que o que Antônia desejava era sua presença, sua companhia e seu afeto.

Muitas foram as vezes em que disse ao filho:— Olha, filho, feliz é o João-de-Barro, cuja casinha tem apenas um quarto, mas amanhece e anoitece em união e cantoria, repleta de calor de ninho, como deveriam ser todos os lares.

Arrebatada por entristecer continuado, que sopitava pela mansão afora, a alma de Antônia adoeceu e refletiu a sua dor na saúde física, dando origem a rápido definhamento, num claro processo ativado por depressão profunda, onde o desejo de morte superava a vontade de viver, eliminando o efeito de remédios e tratamentos terapêuticos, com a paciente usando suas últimas energias para apagar, livre e espontaneamente, a chama da vida em seu corpo.

Ciro envidou todos os esforços na tentativa de cura da mãe, que dispensou a presença de Hugo, rejeitando-o e tomando-o como fonte de todos os seus males. Ao lado da mãe, Ciro pôde

observar que depressão e angústia não vêm apenas da tristeza, pois podem advir da alegria ou euforia desmedida.

Se por um lado almejamos o fim do que nos entristece, por outro, não queremos que terminem os momentos ou fases de contentamento. Porém, em ambos os casos, a vida cuida de colocar ponto final, como maneira de nos provar que nada é eterno no campo emocional ou psicológico no plano terrestre – para sempre temos apenas o caminho, que é a fôrma e o tabuleiro em que derramamos o nosso sentimento cotidiano, numa metamorfose sem fim, constituindo-se num eterno vir a ser.

Por isso, o caráter de cada um de nós não está em nossa face, mas no modo com que enfrentamos a caminhada de nossa existência, deixando no chão de nossa alma o rastro do que verdadeiramente somos. Ou seja, é o jeito de caminhar que nos define. Uns vislumbram apenas o deserto; outros detectam plantinhas e flores que desabrocham em meio às rochas.

Durante muitos dias, Ciro revezou com a namorada Márcia os cuidados com a mãe em hospital, onde recebia tratamento multidisciplinar, incluindo análises psiquiátricas e psicológicas. Nesse período, Ciro fortaleceu ainda mais o seu pensamento sobre a supremacia do afeto em relação aos demais sentimentos, chegando à conclusão de que, quando o amor se firma apenas no simbolismo da aliança no dedo esquerdo e o exercício da fé carece de crença verdadeira, o ser humano tanto mata por paixão, quanto derrama (em vão) o sangue de seus semelhantes em nome de Deus.

Antônia explicitamente não mais portava o brilho nos olhos de quem deseja colher as luzes da vida, cujo pomar se tornou incapaz de lhe oferecer qualquer fruta que lhe trouxesse água na

boca, fazendo-a levantar-se do leito e correr para apanhá-la, como se criança fosse, no pé da árvore da existência. Restava aos médicos, tomar a providência de mandá-la pra casa, onde ao menos ela estaria em ambiente conhecido e do qual, em meio aos escombros, ela pudesse arrebanhar alguma lembrança boa, um leve riso, ainda que fosse contido e imperceptível – um momento de conversação entre o seu corpo e o seu espírito inquieto.



**A poesia é engenho de moer a doçura da cana e desfazer os nós colhidos na lavoura da vida.**





No carro de Márcia, retornou para casa uma Antônia introspectiva.

– E aí Dona Antônia, anime-se, pois daqui a pouquinho tudo se ajeita, encontrando uma maneira de abrir novos horizontes.

– Tomara que não demore a melhora de tudo, pois cada coisa neste mundo tem o seu tempo. Até a ideia de um verso, quando demora a ir para o papel perde-se no ar. Vai-se embora de repente, da mesma maneira que chegou à mente do poeta.

– A senhora tem razão, nada fica à nossa disposição para sempre, aguardando os passos de nossa iniciativa.

– A cana-de-açúcar é doce, mas se a deixarmos de molho ao relento ela azeda e se transforma em cachaça. Tudo tem o seu tempo útil e um determinado tempo para consumo. Amor abandonado e esquecido em um canto também se perde. – Filosofou Antônia, em tom de assunto encerrado, voltando seus olhos absortos para o movimento da rua.

Márcia respeitou o desejo de silêncio meditativo de Antônia, que carregava em si a sua solidão intrínseca, particular, que não tinha diferença alguma da solidão do boêmio no boteco ou de qualquer outra pessoa desiludida pelo mundo afora.

– Chegamos, Dona Antônia! – Contentou-se Márcia.

Antônia desceu do carro com sorriso no lábio, demonstrando satisfação em retornar ao lar, ao qual de certa maneira via como

um hospital particular, onde se encontrava internada há muito tempo. Porém, fosse do jeito que fosse, era ali a sua casa. Ciro deixou de ir ao trabalho a fim de ficar à espera da mãe. Foi à padaria e comprou biscoitos e pão fresquinho sem, entretanto, arriscar-se a coar café, até mesmo em respeito à mãe que toda a vida gostou de cuidar pessoalmente dessa tarefa.

Ciro estava mesmo certo em assim proceder, pois nem bem colocou as coisas no lugar, Antônia suspirou e disse: “Bem, agora posso fazer um cafezinho pra gente!”.

– Eu lhe agradeço, Dona Antônia! – Disse Márcia, retirando-se rumo à sua labuta de professora.

A casa então voltou ao normal. O bule de café sobre o fogão, Antônia cuidando dos afazeres domésticos e sempre encontrando tempo para ler algum novo livro de poesia ou relendo Cecília Meireles, sua autora preferida.

Hugo permanecia na condição de esposo ausente e, àquela altura, todos sabiam de seu envolvimento com Alaida. Até mesmo Antônia em seu mutismo emocional tinha conhecimento do que se passava, optando pelo alheamento a fim de não ser obrigada a tomar alguma atitude a respeito da situação. Todavia, numa manhã de domingo ensolarado quando tomava banho de sol à beira da piscina, Antônia chamou o filho e se pôs a conversar.

– Olha meu filho, quando eu partir deste mundo, não fique por aqui a lastimar minha morte nem chorar minha ausência material. Siga em frente e procure viver dobrado, por mim e por você!

– Que bobagem minha mãe, a senhora vai viver muito tempo ainda. – Entrecortou Ciro.

– Não sei! Contudo, quem está vivo pode morrer. Se puder

venda o seu lote no Bairro Nova Esperança e vá construir sua casa distante daqui. Num primeiro momento, você sentirá um pouco, mas descobrirá que os bons momentos (tudo que é raiz em sua formação) agirão como tinta dando cor à nova paisagem que você buscar.

– Não penso dessa forma, minha mãe. Como deixar a nossa casa, por exemplo?!

– Ciro, apesar de você ser filho único e talvez por isso mesmo, você não resistirá à presença de Alaida na casa, a qual verá como indesejável intrusa.

– Como assim?! O meu pai não fará uma coisa dessa magnitude! Eu até poderia aceitar se ele encontrasse uma mulher depois de sua morte e se apaixonasse. Todavia, a questão é que ela já é amante dele; o ultraje ocorre com a senhora presente e sofrendo com a incômoda situação imoral!

– Por aí dá bem para você imaginar que seu pai agirá conforme lhe digo. Além do mais, Alaida será tomada pela avidez de demonstração de poder, cultivando, semeando e colhendo a exigência de morar aqui, como se assim alcançasse o pleno domínio sobre a vida passada e presente de seu pai, em consonância com a abrangência da alma feminina.

– Não é possível, mãe. Sou eu quem mora aqui!

– Não seja criança, Ciro. Garanto-lhe que, após minha morte, será questão de dias, para que tudo o que lhe vaticino aconteça na realidade. Por isso, vá se preparando, planeje sua vida distante deste lugar e ponha em sua mente, como forma de mitigar o sofrimento, que a sua principal herança é a sua construção emocional durante todos os anos de nossa convivência. Estão dentro de você, como essência de sua personalidade, as sessões

no cinema da igreja, os sermões e conselhos do padre Heli, as idas e vindas do bonde, eternizadas na estação de seus olhos de menino e, acima de tudo, a nossa cumplicidade de mãe e filho, formando um conjunto de sentimento perene nas memórias do seu coração.

– Tomara que a senhora esteja enganada em suas previsões. É inacreditável, é impossível imaginar que meu pai tenha coragem de colocar outra mulher em nossa casa, desrespeitando-me como filho! – Esconjurou Ciro.

– Não se trata de desrespeito. A questão é que as circunstâncias serão outras. E tem mais, a exemplo de rei, rainha morta, rainha posta! Ainda mais no meu caso, que há muitos anos não sou rainha no coração de seu pai. Peço-lhe que jamais deixe a tristeza tomar conta de sua vida. Caso você se case com Márcia, cuide de respeitá-la e, se houver desamor, seja homem suficientemente capaz de se afastar e ir embora, dando a você e a ela uma chance de reconstrução de suas trajetórias no âmbito da emoção, do amor e do afeto. Jamais se esqueça, querido filho, que a vida nos obriga a dobrar as esquinas da dor levando um sorriso nos lábios.

– Quanto ao que meu pai fará ou deixará de fazer não posso me posicionar, todavia no que diz respeito ao meu sentimento por Márcia garanto-lhe que se trata de diamante ao qual quero lapidar por toda a minha existência, a fim de que se encaixe como jóia rara em meu coração. Há alguns anos assisti a um filme com uma interessante narrativa: “Nunca desista antes de assistir ao esfriar final das cinzas do que era calor e luz”.

– Isso mesmo meu filho. Quando não abastecemos nosso coração com verdades esperançosas e claras, terminamos

rodeados por mentiras, que nos veem no espelho e nos reconhecem como irmãos de falsa caminhada.

Aquele dia Ciro o passou todinho ao lado da mãe. Ligou para a namorada Márcia revelando-lhe a inaudita disposição de sua mãe conversar e afirmando que não poderia quebrar o momento luzidio. Márcia, que estava ocupada com a correção de provas de seus alunos, não se incomodou e até o estimulou a manter acesa a chama do instante mágico.

Antônia estava incrivelmente bem disposta e falante. Havia exuberância em seus gestos e incontido ânimo para sovar guloseimas. Muitas foram as vezes que recorreu ao bule, enchendo uma xícara de café, que era sorvida com calma e olhos extasiados diante dos matizes da natureza ao redor.

Olhou com ternura velhas fotos no álbum de família, limpou antigos objetos e relíquias que lhe eram tão caros. Sorridente, colocou no pescoço do filho amado um cordão de ouro que trazia coração com os nomes Ciro e Antônia.

Veio a noite e cada um foi para o seu quarto. Ciro tomou banho e, ao terminar, ainda observou a mãe pela fresta da porta entreaberta de seu aposento, pedindo-lhe a bênção. Antônia lia um livro sob a luz diáfana de uma luminária (feito estrela artificial), como sempre fazia antes de dormir, com um lápis à sua disposição no criado-mudo, caso desejasse marcar frases e trechos que lhe tocassem o coração.

Na manhã seguinte, Antônia não mais levantou, seus olhos foram despertar em outras paragens, onde as luzes jamais se põem e chuvas de claridades caem para germinar novas luzes no chão dos Céus. No livro de Cecília Meireles ao qual lia, talvez pela enésima vez, escreveu: “Em nossa vida de gado no planeta Terra, a

esperança reside na promessa bíblica de som de berrantes (na forma de trombetas) tocando para juntar o rebanho e conduzi-lo às pastagens celestiais, a fim de vida de gente levar”.

E terminando o seu pensamento, fez questão de repetir versos de Cecília, nos quais encontrou similaridade com o que sentia em seu âmago:

*“Estou cansada, tão cansada,  
estou tão cansada! Que fiz eu?  
estive embalando, noite e dia,  
um coração que não dormia  
desde que o seu amor morreu”.*





**Impulsionamos melhor os nossos passos quando os revestimos de asas. Inversamente, quanto mais alto voamos, mais deixamos rastros na terra, pois o chão recebe melhor os que lhe pousam com a leveza de poeira.**



Antônia teve um funeral com muita gente, pois era pessoa muito querida no Bairro Senhor Bom Jesus e região. Ciro se pôs a ajuntar os seus cacos emocionais mergulhados em lembranças que abriram as velas de suas embarcações carregadas de especiarias tecidas e peneiradas no coração.

Hugo Santana, à sua maneira, também sentiu a morte da esposa, mas tratou de se consolar nos braços da amante Alaida, que em pouco tempo passou a frequentar a casa com ares de nova dona. E todo o rosário de previsões feitas por Antônia começou a ser debulhado diante dos olhos incrédulos e desiludidos do jovem Ciro que, sem pestanejar, seguiu os conselhos da mãe. Vendeu o lote que possuía no Bairro Nova Esperança, casou-se com Márcia e foi viver em outro lugar.

Na mala Ciro levou apenas as roupas, objetos de uso pessoal, o álbum de fotografias da família, o cordão de ouro no pescoço, o bule e a vasilha em que a mãe guardou pó de café durante a vida



inteira. Era tudo o de que precisava... Deu um abraço no pai e foi-se embora numa manhã de domingo de céu nublado como sua alma na penumbra, navegando entre as nuvens do que foi e do que viria a ser.

Colocou a tralha no carro de Márcia que o acompanhou na dura tarefa.

– É pouca coisa, para um longo período de sua existência. – Avaliou Márcia.

– Mas é assim que tem que ser. Toda vez que viajamos devemos ser comedidos com a bagagem. Minha mãe acabou de viajar sem nada levar!

– Nisso você tem razão, meu amor! – Aquiesceu Márcia.

– Nosso espírito caminheiro carrega apenas feixes de luz do aprendizado adquirido em suas viagens pelas muitas moradas do Criador, sem jamais se interessar pelo que ostentamos em nossos guarda-roupas, gavetas, sacolas e cofres.

– Feliz ou infelizmente é assim mesmo. Você está levando apenas as coisas que lhe são caras, que lhe tocam a alma e, por isso, servem de horizonte às suas memórias afetivas. – Ponderou Márcia.

– Para sermos ouvidos em nossas orações devemos nos libertar de nossos rancores. Quero que meu pai seja feliz, porém me dou o direito de manter relativa distância. Tanto eu quanto ele, temos que dar espaços a fim de trocarmos as nossas penas e voltarmos a voar pela vida afora. – Filosofou Ciro.

– Que assim seja. Não nos adianta clamarmos ao Criador, transportando-Lhe o braseiro de nossos infernos.

– E os nossos infernos são muitos, querida Márcia. Veja ali,

sob aquela marquise, uma mulher maltrapilha com criança pequena no colo. As diferenças fazem parte da vida, mas a indiferença não. É obra do desatino de uma humanidade sem juízo e, socialmente, anticristã.

– O tempo passou sem que conseguíssemos, até os dias de hoje, colocar em prática o mandamento do amor ao próximo apregoado por Jesus Cristo. Ao longe, a “casa grande” sente o cheiro da feijoada elaborada com os miúdos do porco que ela desprezou e atirou aos escravos. Ouve o batuque de tambores e percebe luzes aladas, em sublime dança esvoaçante, sobre as senzalas, como se a real riqueza fosse simples questão de se precisar de pouco para viver. – Historiou Márcia.

Num instante chegaram ao apartamento em que moravam. Sonhavam mudar para uma casa e, para isso, estavam dispostos a fazer economia, que seria juntada ao dinheiro do lote que Ciro havia vendido.

Durante longo período, Ciro manteve contato diário com o bairro em que havia nascido, graças à condução do bonde desde o centro de Belo Horizonte até a pracinha Bom Jesus. Muitas vezes viu o pai e Alaida circulando de carro nas imediações, porém a cada dia com menos sofrimento e mais entendimento sobre a necessidade de aceitação do encerramento de capítulos e brilhos da vida que se apagam, como ocorre nas hostes estelares, onde cada estrela cumpre o seu ciclo até a explosão final, servindo de horizonte e lenha ao preparo do tempo novo no fogão invisível do tempo.

Veio a bonança. Márcia e Ciro puderam comprar uma boa casa no Bairro Carlos Prates; nasceram os filhos Paulo Cirilo e Maria Antônia. Duas, três vezes no ano, Hugo Santana ia à escola

em que Márcia trabalhava para saber como as coisas estavam, pois as pedras do passado permaneciam atravancando o caminho do diálogo entre pai e filho. Contudo, Márcia supunha que era melhor assim que a abertura de velhas feridas. De uma forma ou de outra, ambos (Ciro e Hugo) edificaram vida nova e, com toda a certeza, o distanciamento sem enfrentamento nem bombardeio era, contraditoriamente, sinal de afeto e respeito.

A vida seguia em extrema normalidade até que, em nome da modernidade e notória falta de planejamento e visão no tocante ao avanço da balbúrdia no trânsito da capital mineira, a administração municipal resolveu desativar os bondes e Giro se viu sem chão, tanto pela perda do emprego quanto pelo esboroar de um sonho cultivado desde a infância e que se havia transformado em miraculosa realidade. O motorneiro Giro gostava de dizer que não era condutor de bonde, mas sim de um sonho.

Giro permaneceu meses e meses desempregado, pois não aceitou sua transferência para o setor de mecânica da Prefeitura, optando por receber uma indenização. Passou dias a fio apresentando-se sem reação e lamentando por demais o fato de ter parado de estudar após a complementação do ensino médio, apesar dos conselhos e da contrariedade da mãe com a sua decisão. Quando conseguiu emprego na rede ferroviária como maquinista, a alegria só não foi completa porque estava (sem o conhecimento de Márcia) bastante endividado junto a agiotas e, para agravar ainda mais o quadro, lutava contra o estado depressivo pelo qual se viu arroubado, repetindo de certa maneira a mesma história de sua mãe, apesar de serem outros os motivos de sua letargia emocional.

Todos os dias, para não se deixar sucumbir, ao ver os filhos e

sua amada Márcia, ele tinha que gritar para si mesmo como se fosse Pedro Álvares Cabral ao descobrir o Brasil: “Terra à vista!” Uma razão para viver, um motivo para lhe aliviar o peso dos passos, ciente de que é a leveza do caminhar que registra nossa breve passagem pelo planeta Terra.

À nossa volta contamos com as metáforas da natureza se comunicando conosco o tempo todo, como se estivéssemos envolvidos por divina poesia, que nos leva a acreditar que, assim como o calor dos amantes aquece os lençóis sem provocar incêndio nem queimaduras, tudo experimentado na medida exata e no dosado tempero se transforma em benefício, aprendizado e alimento para o nosso espírito.



**Levar o barco devagar durante nevoeiro ameaçador é a única forma de o timoneiro dialogar com o mar sobre o seu desejo de chegar ao destino pretendido.**





Navegar os mares da vida não é fácil para nenhum de nós. Somos seres nascidos nascendo todos os dias, sobrevivendo às nossas mortes cotidianas, sem as quais não passaríamos pelas transformações necessárias ao nosso desenvolvimento emocional, que tem no semeio da bondade a promessa de colheita de um ser humano cada vez melhor.

Ciro não tinha mais como esconder a fonte de seu tormento e revelou a dívida que o fazia prisioneiro da ganância de um agiota. A quitação da dívida tinha que acontecer em 40 dias. Era em dólar, moeda que à época estava cotada nas alturas. Ou seja, os 10 mil dólares que havia tomado emprestado há 12 meses significavam agora um mundaréu de dinheiro.

Ao tomar conhecimento da dívida, Márcia não se desesperou nem se perdeu em discussão inócua, ciente de que nada adiantaria, ainda mais perante a fragilidade emocional por que passava o esposo.

O trabalho de maquinista na rede ferroviária exigia que,

frequentemente, Ciro ficasse por alguns dias distante de casa, o que era bom para o tratamento de sua depressão – outros lugares, outras pessoas, a paisagem no entorno das linhas férreas. Márcia aproveitava o seu afastamento a fim de sair em busca de saídas para o problema, pois notou que Ciro lhe havia escondido a dívida junto ao agiota (com escritório nas imediações da Praça Sete) alicerçado no desejo de resolver a questão por conta própria, tal qual ele a gerou. Qualquer intromissão, ainda que bem-intencionada, poderia atingir-lhe o ego, ampliando o seu diagnóstico de baixaestima.

Ciro era uma estrela casualmente empanada por nevoeiro. Em questão de tempo, o vento do ânimo de viver sopraria novamente, propiciando o retorno de cascatas de luz ao seu olhar.

Márcia pensou em procurar Hugo Santana, a fim de pedir ajuda. Contudo, não efetivou a ideia, apesar de ser uma boa oportunidade para lembrar ao pai de Ciro que ele não havia feito inventário e passado ao filho a parte patrimonial que lhe cabia após a morte de Antônia. Márcia chegou a discar para a casa do sogro, mas recolocou o telefone no gancho, temendo que seu pedido de socorro pudesse provocar enorme contrariedade no marido, que até aquele momento havia feito de tudo para caminhar sozinho, com as próprias pernas, e jamais tocou no assunto da herança.

Depois de uma semana de trabalho no trem, Ciro chegou ao lar com sorriso nos lábios e uma sacola de presentes para a esposa e os filhos Paulo Cirilo e Maria Antônia. O novo emprego lhe fazia bem, reconduzindo-o aos trilhos da confiança e recuperação da autoestima.

As verdadeiras jóias que enfeitam o nosso corpo não estão em

nosso pescoço, nos pulsos ou nas orelhas, é um brilho natural – ânimo cósmico proveniente dos umbrais siderais, que alumia estrelas, clareia planetas e serve de farol ao espírito de cada um de nós, como uma espécie de rara joia invisível, que age ao feitio de combustível, dando alegria aos nossos passos, calor às nossas mãos, esperança ao nosso olhar e libido a lábios flamejantes que se encontram.

Estar em depressão é sinônimo de horizonte emocional fechado à magia da luz celestial. Ciro parecia experimentar franca recuperação. Todavia, Márcia não festejou, pois tinha na memória o fato de sua sogra Antônia ter apresentado quadro de saúde pra lá de satisfatório no dia em que morreu.

Após os dias fora de casa a trabalho, Ciro ganhava folga prolongada, benefício que ele aproveitava para passear com os filhos e ficar em casa curtindo a família. Naquela semana, ele saiu com o objetivo de dar uma volta pelo centro da cidade e rever velhos companheiros da época do bonde.

E foi assim que, sem mais nem menos, ele foi parar numa rua próxima ao Mercado Central, famosa pela comercialização de tudo e qualquer coisa, inclusive arma de fogo. Movido por estranha força, acabou comprando um revólver 38, sob a alegação de que viajava muito e precisava se proteger.

De posse da arma, Ciro passou na sede da rede ferroviária e deixou a arma em seu escaninho particular, do qual apenas ele tinha a chave. “Menos mal”, pensou ele. É um perigo ter arma em casa.

As ideias e obsessões surgem em nossa mente, sem que percebamos, ficando por lá até a maturação e conseqüente eclosão. Por isso, devemos estar sempre atentos aos sinais, tanto



em nós mesmos quanto nas pessoas que nos rodeiam ou fazem parte de nosso convívio.

Ciro retornou para casa como se estivesse escondendo algo, apesar de o revólver nem estar com ele. No fundo, ele, que jamais havia possuído arma, sentia-se como se estivesse exalando cheiro de pólvora. Nem bem cumprimentou os membros da querida família e foi tomar banho, cuidando de se perfumar.

Márcia, observadora como de costume, indagou:

– O que aconteceu? Você gosta de tomar banho antes de se deitar e quase nunca no período da tarde!

– É que estive na Praça da Estação e fiquei conversando com um amigo maquinista próximo de uma maria-fumaça em serviço de manutenção. Então estive sob a exposição de muita fumaça.

– Respondeu Ciro.

À noite a cor-de-rosa-choque mostrou do que é capaz e Ciro, gemendo sem sentir dor, viveu licoroso gozo de amor, no qual se banharam todas as suas estrelas e luzes de ser humano, tatuando em seu peito a linguagem dos anjos do afeto.

Ciro dormiu profundamente. Sonhou com sua mãe Antônia, que lhe disse para não se atormentar nem se afligir, pois seu pai iria depositar, em sua conta bancária, a quantia de que precisava para quitar a dívida que ele havia contraído com o agiota.

Ao despertar, Ciro notou que Márcia há muito tinha ido dar aula e levado os filhos para a escola. Ou seja, ele estava sozinho em casa. Acordou com o cheiro de sua mãe inundando o quarto e, ao abrir a porta do quarto, o aroma de café fresco recendia por toda a casa. Foi à cozinha, mas verificou que o bule sobre o fogão estava vazio e frio – sinal de que Márcia saiu em cima da hora e não havia feito café.

Meditativo voltou ao leito e ali ficou por algum tempo refletindo sobre o sonho, enquanto era invadido pela certeza de que sua mãe, vendo-o em profunda angústia, viera visitá-lo.

Sem mais nem menos, encheu-se de ânimo e de esperança, passando a acreditar piamente que seu pai, realmente, depositaria o dinheiro, movido pela interseção espiritual de sua mãe, que da mesma maneira que se comunicou com ele, achou alguma forma de sensibilizar seu pai, que sequer sabia do problema financeiro pelo qual passava.

Nem bem Márcia chegou da escola em torno do meio-dia, ele se pôs a narrar com euforia o acontecido. A mulher, bastante espiritualizada, daquelas que acreditam em tudo até provas em contrário, analisou ser possível o contato com o mundo da vida além da vida, dizendo que não se surpreenderia se o dinheiro estivesse em sua conta.

Dessa forma, embebido em misteriosa esperança, Ciro almoçou apressadamente e se dirigiu ao banco em vôo ligeiro e distante dos vãos do chão da realidade, onde os sonhos descobrem não haver estação de trem para o desembarque da esperada poesia do encontro.



**Interpretamos o bem e o mal no palco da vida até que a morte venha, revelando a nudez do papel que nos cabe no teatro translúcido da espiritualidade.**





Terminantemente, não há como percorrermos caminhos de luz ao lado de companhias ligadas à escuridão. Receber e refletir luz, ser massa de energia e calor; retornar ao pó e integrar-se ao chão do planeta Terra; permanecer vivo de outra forma, enquanto o espírito se junta ao archote de luz do universo em eterna expansão e fecundação de novas moradas – esse o destino de todos os seres humanos.

Ciro foi ao caixa de seu banco e solicitou o extrato de sua conta, observando imediatamente que o saldo permanecia baixo, ou seja, mantinha-se distante do que precisava para pagar ao agiota com quem, desavisadamente, se meteu. Numa mesma fonte, vivenciamos vertentes diferentes, assim é a vida, pôs-se a pensar. Há os que se afastam quando fracassamos, enquanto outros se distanciam por incontida inveja do nosso sucesso. Enfim, na existência estradeira, somos tropeiros aboiando solidões!

Num ímpeto (algo parecido com instinto animal), com os olhos inundados de lágrimas, foi à sede da rede ferroviária, pegou o 38, colocou-o numa sacola plástica preta e rumou-se para o Senhor Bom Jesus. Chegando ao bairro, passou no Bar do Primo.

Ali tomou uma cerveja solitariamente, apreciando o movimento da pracinha na qual viveu a sua infância. Ao acertar a conta com o Primo, dono do bar, este lhe entregou um isqueiro, dizendo: – Tome! É do seu pai, que o esqueceu no bar há muitos dias.

– Pois não. Pode deixar que logo lhe entregarei a encomenda. – Garantiu Ciro. A verdade era que a família, desde a falecida Antônia, era muito discreta e não propagava a terceiros as suas idiossincrasias e animosidades particulares. Ou seja, ninguém sabia que pai e filho se respeitavam, mas não se falavam.

Ciro nem sabia se encaminharia o isqueiro ao pai, pois viu nele uma relíquia de família, uma lembrança da mãe, que mandou gravar no objeto criativa frase: “Pelo fogo do amor, Antônia”.

Colocou o isqueiro no bolso da camisa e foi sentar-se num murinho em frente à igreja. O bonde não existia mais e também pertencia às lembranças do passado o antigo cinema do bairro, que foi tão importante na sua formação cultural. Perdido em si mesmo, sem condição de ir ao encontro dos outros (a começar pelo pai), Ciro permaneceu um tempão jogando perdas dentro de sua lagoa sentimental (o seu lixão individual), refletindo em seu interior a própria dor, até que, como lagoa em temporal, sangrou, derramou-se como enchente, pegou a arma e atirou no coração.

O estampido cortou a praça. Até funcionários do banco e professores da Escola Bueno Brandão, da qual foi aluno, correram à rua e um punhado de gente curiosa se juntou ao seu redor.

Primo, o dono do bar, foi quem providenciou transporte para levá-lo ao Hospital Santa Mônica, unidade de saúde situada mais perto, que ficava na Avenida Antônio Carlos. Preocupado em comunicar a alguém da família, Primo pediu a um de seus fregueses do bar que fosse à casa de Hugo.

Hugo não estava em sua residência e quem recebeu o mensageiro foi a esposa Alaida. Como o marido havia ido ao Rio de Janeiro a trabalho, ela tomou a providência de ligar para Márcia, que desesperada deixou os filhos aos cuidados da vizinha ao lado. Antes de ir para o hospital correu ao banco a fim de pegar dinheiro, pois bem sabia dos elevados custos médicos.

Vivendo fase difícil em termos financeiros e, também, por se metódica e cuidadosa por natureza, Márcia solicitou o extrato e se surpreendeu com o montante de saldo disponível. Resolveu então procurar o gerente.

– Esse dinheiro foi depositado em cheque, há dois dias, pelo Dr. Hugo Santana. Como se trata de cheque de terceiro e de elevada quantia, o cheque só foi compensado agora à tarde. – Informou o gerente.

Márcia caiu em pranto incontido, pois se lembrou do sonho que Ciro teve com a mãe e logo imaginou o que poderia ter acontecido, uma vez que quando Ciro veio ao banco conferir o saldo o tão sonhado depósito ainda não estava disponível em sua conta.

Após funcionário do banco lhe fornecer copo d'água com açúcar, Márcia se viu movida a fórceps pela necessidade e partiu ao encontro do infausto em que, juntamente com o marido, se via envolvida.

Márcia deixou o carro no estacionamento da instituição bancária, sendo levada pelo próprio gerente que a atendeu até o Hospital Santa Mônica. Em lá chegando deparou-se com mais um insólito milagre. O isqueiro que Ciro portava no bolso, além de desviar, havia amortecido a força do projétil.

Ciro estava fora de perigo, não corria risco de morte e em

poucos dias poderia voltar para casa, retomando a convivência com a família que tanto o amava.

No dia seguinte, Hugo já estava marcando presença no hospital, ardendo em apreensão e aflição de pai. Ao tomar conhecimento de tudo, chorou muito e se penitenciou pelo prolongado e consentido distanciamento, que poderia ter desaguado em tragédia com final muito mais doloroso e irremediável.

Quando Ciro recuperou a consciência e pôde receber visitas, viu-se cercado por todos: a esposa Márcia, os filhos Paulo Cirilo, Maria Antônia e o pai Hugo, que lhe entregou de presente o isqueiro que lhe havia salvado da morte.

Ao regressar ao lar, Ciro se dirigiu à cozinha. Como primeiro ato queria coar o próprio café. Colocou água para ferver e foi em busca da vasilha de pó de café, mas não havia o precioso pó. Márcia se dispôs a sair às pressas a fim de ir ao armazém. Porém, acomodado numa cadeira defronte da janela que dava para a frondosa mangueira do quintal, Ciro sentenciou: – Não é preciso, meu amor! Sinta o aroma de café sem pó, que parece vir da água que pus ferver...

– Posso sentir! – Entrecortou Márcia, com os olhos a verter lágrimas.

– Nossa, que cheiro de café! – Exclamaram os filhos que entravam correndo cozinha adentro.

– É a sua avó Antônia nos dando o prazer de sua visita. – Comemorou Ciro, material e invisivelmente consciente de que existe vida fora de nosso campo de visão social, onde seres de luz conseguem fazer café sem pó.



**No tecido do meu rosto  
as rugas são retalhos  
da minha memória.**





Carlos Lúcio, a esposa Nina e José Carlos, pai do autor.

## BIOGRAFIA

Membro da Academia de Letras do Brasil-Mariana (ALB-MARIANA), onde ocupa a cadeira número 15, que tem como patrono o poeta Bueno de Rivera; integra a

entidade cultural internacional Poetas del Mundo; é membro da Academia Santantoniense de Letras (ACDSAL) e da Academia de Letras de Teófilo Otoni (ALTO).

Premiado com o troféu Carlos Drummond de Andrade (Itabira, 05/06/2010 – 45ª edição do evento). Nos meses de março e abril do ano 2000, expôs no Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos (ICBEU) e no Shopping Norte (no Bairro Venda Nova/Belo Horizonte) poemas colocados em moldura (“Telaescrita”, segundo batizou a mostra).

Foi presidente da Associação Mineira de Imprensa (AMI), no triênio 2002/2005, e dá nome à biblioteca do Instituto Maria Angélica de Castro (IMAC) e à Biblioteca Comunitária do Bairro Flávio de Oliveira, em Santo Antônio do Monte. O seu romance Cabine 33 foi indicado e adotado em dois vestibulares (2005 e 2007) da Faculdade de Administração de Santo Antônio do Monte (FASAM).

É cidadão honorário de Contagem-MG e Santo Antônio do Monte. Trabalhou durante 30 anos no jornal DIÁRIO DA TARDE, onde foi revisor, supervisor de revisão, secretário de página, articulista, editorialista, subeditor e editor de Opinião. Passou, ainda, pelos seguintes jornais: Proeste, Diário de Minas/Jornal de Minas, Hoje em Dia, Tribuna de Mariana (do qual foi editor) e pela publicação Fogos em Revista (editor).

No dia 24 de setembro de 2011, foi contemplado com a “Comenda do Grande Oriente do Brasil-RJ”, pela Academia Maçônica de Artes, Ciências e Letras do Rio de Janeiro. Detém o “Prêmio Mérito Literário Poeta Antônio Fonseca”, elevada e significativa honraria criada pela Academia Betinense de Letras (ABEL), prestigiada entidade cultural da cidade de Betim/MG.

No dia 20 de outubro de 2011, foi contemplado com o Diploma de Honra ao Mérito pela Loja Maçônica Mestres do Monte. Em dezembro de 2011, recebeu a Medalha de Mérito Literário da Academia de Letras do Brasil-Mariana, Aldrava Letras e Artes e Inbrasci. É membro do Conselho de Redação da Revista “e is Flu ê n c i a s”, editada em Lisboa/Portugal (<http://www.eisfluencias.ecosdapoesia.org>).

No dia 26 de novembro de 2015, foi agraciado com a “Medalha do Mérito Cultural Professor Miguel Eugênio de Campos”, outorgada pela Associação dos Amigos do Centro de Memória Municipal de Santo Antônio do Monte.

Foi contemplado com premiação nacional da Revista “zaP!” (do estado de São Paulo) denominada CEM MAIS, nos anos de 2010 e 2015, pelo trabalho realizado no âmbito cultural. Elaborou prefácios para os livros de poetas e escritores como Ádleí Duarte de Carvalho, Ieda Alkimim, João Silva de Souza, Regina Morelo, J. Estanislau Filho, Leonildo Miranda Araújo, Sebastião (Tião) Henriques, Clélia Aparecida Souto e Couto (a primeira professora do autor), Luiz Cláudio de Paulo e Maria Ortélia de Castro Melo.

Em 22 de outubro de 2016, em Itabira/MG, recebeu o Troféu Expressão Literária Machado de Assis. Recebeu em 5 de maio de 2018 a premiação “Expressão Literária Troféu Guimarães Rosa”, na cidade de Itabira.

Maiores informações e dados podem ser buscados no site do autor ([www.carlosluciogontijo.jor.br](http://www.carlosluciogontijo.jor.br)).

# Obras de Carlos Lúcio Gontijo

[www.carlosluciogontijo.jor.br](http://www.carlosluciogontijo.jor.br)

- *Ventre do Mundo* (Poesia – 1977).
- *Leite e Lua* (Poesia – 1977).
- *Cio de Vento* (Poesia – 1987).
- *Aroma de Mãe* (Poesia – 1983).
- *Pelas Partes Femininas* (Poesia e prosa – 1996). “Coletânea” (Editada em dois volumes, no ano de 1998, contendo os cinco primeiros livros do autor).
- *O Contador de Formigas* (Romance e poesia – 1998 – 1ª edição; 1999 – 2ª edição).
- *O Ser Poetizado* (Poesia e prosa – 2002).
- *O Menino dos Olhos Maduros* (Novela e poesia – 2002).
- *Virgem Santa sem Cabeça* (Romance e poesia – 2002).
- *Cabine 33* (Romance e poesia – 2004). Foi indicado para o vestibular da Faculdade de Administração de Santo Antônio do Monte (FASAM) nos anos de 2005 e 2007.
- *Lógica das Borboletas* (Romance e poesia – 2007).
- *Duducha e o CD de Mortadela* (Livro Infantil – 2009 – 1ª edição; 2013 – 2ª edição).
- *Jardim de Corpos* (Romance e poesia – 2009).
- *Quando a Vez é do Mar* (Romance e poesia – 2012).
- *Lelé, a formiga travessa* (Livro Infantil – 2013).
- *Poesia de romance e outros versos* (Poesia – 2013).
- *O guarda-chuva do Simão* (Livro Infantil – 2015).
- *Tempo impresso* (Poesia e artigos de opinião – 2016).
- *Beijoaria* (Livro Infantil – 2017)
- *Desmemória de horizonte* (Romance e poesia – 2017).
- *A tartaruga Georgina* (Livro Infantil – 2018).
- *Bodas de bule/ Café sem pó* (Poesia e novela – 2019).

## COLETÂNEAS

Participa da coletânea “Poetas del Mundo em Poesias”. Volume I (abril de 2008), editora Gibim.

Marca presença na coletânea “Galeria Brasil 2009 – Guia de Autores Contemporâneos”, um livro organizado pela entidade Celeiro de Escritores e publicado pela Editora Sucesso, São Paulo/SP.

Inscrive-se na “Antologia da Associação Internacional Poetas de Mundo”. Volume I (setembro de 2011).

Inseri seu nome na Antologia ALB-Mariana, Aldrava Letras e Artes e Inbrasci-MG (dezembro de 2011), intitulada “Lumens em prosa e verso”.

Participa da coletânea “Livro I da ALACIB – Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil”.

Tem participação na publicação “Café-com-Letras” (Revista Literária da Academia de Letras de Teófilo Otoni – Ano 12, nº 12, novembro 2014, à página 104; e na publicação número 13/2015, à página 31).

Seu artigo “A bênção, negra Carolina!” foi inserido no livro “Nós da Poesia: vozes da rua”, produzido pelo Instituto Imersão Latina (IMEL) e lançado na 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo (agosto/2014).

Participa da “Antologia MIL POEMAS A GONÇALVES DIAS” (organizada por Dilercy Aragão Adler e Leopoldo Gil Dulcio Vaz), à página 182.

**Escrever tem a ver com a própria respiração, ânimo de alma: às vezes minimamente, outras vezes profundamente – mas sempre verdadeiramente.**





Uma vida dedicada à criação literária e poética independente (22 livros e duas segundas edições), com frequentes visitas a escolas municipais de muitas cidades – Santo Antônio do Monte, Pedra do Indaiá, Itapeçerica, Arcos, Divinópolis, Belo Horizonte, Contagem, Betim, Sabará, Capim Branco, Bom Despacho, Brasília de Minas, Tocantins etc. –, às quais foram doados muitos livros de sua autoria (principalmente infantis), como bem demonstra esta foto, que registra a passagem do casal Carlos Lúcio e Nina por Moema/MG, na Escola Municipal Venina Gomes, denominação que é uma homenagem à saudosa professora e avó paterna do autor.

# **ADENDOS**

## ACALANTO DE ADULTO

Flores perfumando os canteiros no quintal  
No varal um horizonte de roupa estendida  
Como se fosse vida posta a clarear ao sol  
Casa afora o cheiro de tempero da comida  
Tudo que mamãe punha a mão virava semeio  
Percebia-me cheio e completamente inteiro  
Tão distante de me ver partido ao meio  
Agora a recordação é meu colorido cativo  
Carrego sonoridade de viveiro na mente  
Cultivo em mim a divina luz materna  
Mamãe é ternura de presença eterna  
Contida na sombra intangível de seu vulto  
Que acalanta criança no corpo de adulto...





## BAIRRO SENHOR BOM JESUS

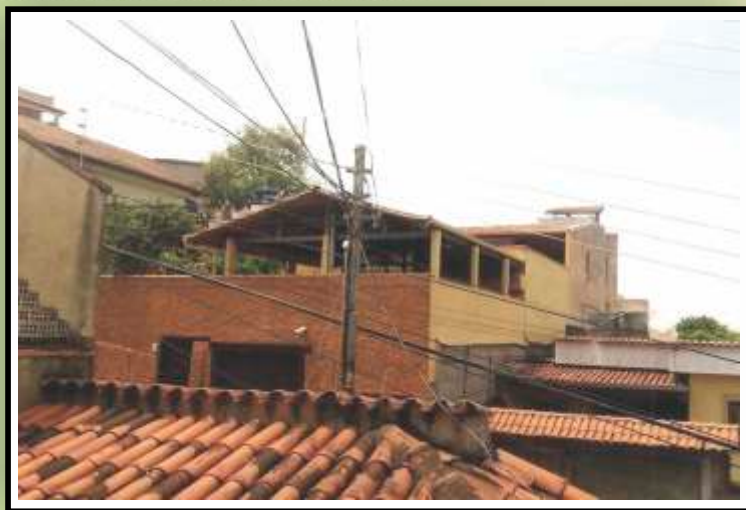


**Padre Heli de Oliveira Mendes casou meus pais  
A mim e meus irmãos fervorosamente batizou  
No batismo também consagrou meus filhos  
Naquele pedaço de aurora da minha vida  
Traço de caminho perenal tatuado no chão  
Amigos miscigenados cantam na vizinhança  
Propagando esperança em um mundo melhor  
Perseverança cotidiana no suor derramado  
Renascimento semeado no meu torrão de luz  
Meu querido Bairro Senhor Bom Jesus  
Onde na íngreme Rua Vassouras  
No Belo Horizonte de lua cheia  
Mamãe flutua embalando-me o berço!**





Santuário do Senhor Bom Jesus (no bairro Senhor Bom Jesus, em Belo Horizonte), no qual os pais do autor (José Carlos e Betty) se casaram em cerimônia oficiada pelo padre Heli de Oliveira Mendes; sacerdote que batizou Carlos Lúcio, seus irmãos (Vera Lúcia e Marcílio Múcio) e seus filhos Amanda e Lucas.



Casa da Rua Vassouras 491, no bairro Senhor Bom Jesus, em Belo Horizonte, onde Carlos Lúcio, seus irmãos e seus filhos (Amanda e Lucas) nasceram.

# Retorno do filho pródigo ao berço do Bom Jesus

Carlos Lúcio Gontijo

Ninguém é capaz de evitar as rejeições de que será vítima em sua trajetória terrestre. Haverá sempre alguém disposto a não nos dar crédito, numa velada disposição de não nos atender, furtivamente, menosprezar o produto final do esforço do nosso trabalho, empenhando-se em desqualificá-lo – na base do eu não vi, não li e não gostei!

É por essas e outras que sempre sugiro aos jovens escritores a darem sentido universal à temática de suas obras, pois é escasso o estoque de leitores e, se a narrativa é voltada ao interesse de uma única localidade, o autor fica à mercê do amparo da “proximidade”, que muitas vezes o deixa na mão. Claro que o rio que corta a nossa cidade é universal, mas precisamos descrevê-lo com a devida universalidade (usando com criatividade e arte a tinta da palavra escrita) quando o cantamos.

Ao feito de retorno do filho pródigo, decidi buscar refrigério para a saúde de minha origem como ser humano visitando o bairro Senhor Bom Jesus em Belo Horizonte, sob o objetivo de encomendar celebração de missa em intenção da alma de minha saudosa mãe Betty, que ao chegar do Mato Grosso comprou um lote naquela localidade, mais precisamente na Rua Vassouras, aonde mais tarde viria morar (depois do casamento com meu pai José Carlos Gontijo), constituindo o berço matrimonial em que eu e minha irmã Vera Lúcia nasceríamos e, em seguida, abrigaria a chegada do Marcílio.

Pois bem, ao ter contato com o jovem padre Clésio, ao qual não conhecia, ofertei-lhe a doação de “140” exemplares do livro infantil “Beijoaria”, para que a paróquia os distribuísse às crianças que a frequentam, revelando-lhe que o estimado e saudoso padre Heli de Oliveira Mendes havia feito o casamento de meus pais no Santuário Bom Jesus, bem como batizado a mim, meus irmãos e meus filhos.

Para minha surpresa, padre Clésio não só aceitou de pronto a minha oferta como expôs o desejo de que eu ali estivesse no domingo seguinte, dia 29 de outubro de 2017, para a missa das 10h, na qual

tradicionalmente acontece distribuição de pães às crianças, pelas mãos do próprio vigário. Em tom de alegria e sensibilidade, disse-me ele: “Eu cuidarei da distribuição dos pães, enquanto você fará a entrega dos livros!” Em respeitosa consideração, tanto à minha condição de idealista escriba menor quanto ao meu gesto espontâneo, anunciou o “acontecimento” aos fiéis presentes, pedindo-me que levantasse a mão para ser identificado e recebesse uma salva de palmas—emocionei-me!

E a emoção tinha toda razão de ser, pois coincidentemente o insólito momento de junção entre cultura e religião aconteceria três dias depois de uma data marcante—a minha contratação pelo jornal “Diário da Tarde” há 40 anos, no qual trabalhei durante 30 anos, quando de sua extinção até hoje lembrada com tristeza por jornalistas e leitores. O inesquecível 29 de outubro chegou. Levei um pacote de livros para ser repassado à Escola Tomás Brandão, bem próxima do santuário, além dos “100” exemplares prometidos ao padre Clésio.

Terminada a missa, eu, Nina, a prima piauiense Maria do Carmo (que veio nos visitar) e o amigo Mário Antônio fomos convidados, pela afável “Dona Célia”, ex-vizinha e ainda integrante do coral do santuário, uma grande amiga de minha saudosa mãe Betty, para almoço de confraternização em sua residência, que fica bem defronte da casa em que nasci, na íngreme rua Vassouras, onde em maio de 1979, num humilde barracão que ergui ao lado, fui morar com minha esposa e nasceram nossos filhos Amanda e Lucas.

Padre Clésio me solicitou que mais uma vez me fizesse presente ao Santuário no dia 12 de novembro de 2017, quando a distribuição do livro BEIJOARIA contaria com a participação de maior número de crianças, em celebração religiosa com a união de fiéis de bairros vizinhos ao Senhor Bom Jesus. Em nome da labuta sem fim que desenvolvo no âmbito da literatura e da poesia, não me furtei ao pedido do vigário, sentindo-me na obrigação de agradecer àquela comunidade pelo muito que contribuiu na minha formação de ser humano e cidadão.

Afortunadamente, assim tudo foi programado, cumprido de modo prazenteiro e devidamente registrado pela lente fotográfica do amigo Mário Antônio de Oliveira, padrinho de minha neta Luara,

ao qual faço questão de desculpar publicamente por não ter conseguido captar a presença invisível de minha mãe, que ali esteve presente em espírito, abraçando-nos e a tudo assistindo como se perdida em êxtase diante da visão de parte significativa do resultado de sua honesta, laboriosa e breve passagem pelo plano existencial terrestre.

***Carlos Lúcio Gontijo***

*Poeta, escritor e jornalista*

[www.carloslucioogontijo.jor.br](http://www.carloslucioogontijo.jor.br)



Junção frutífera entre as culturas religiosa, literária e poética,  
com distribuição gratuita do livro infantil BEIJOARIA às  
crianças frequentadoras do Santuário do Senhor Bom Jesus,  
em Belo Horizonte (12/11/2017).



## OS FILHOS AMANDA E LUCAS



Nina com a filha Amanda no colo, em cerimônia de batizado oficiada pelo padre Heli de Oliveira Mendes.



Da esquerda para a direita: Ludmila (prima), Amanda e Lucas, no terracinho da casa na rua Vassouras, no bairro Senhor Bom



Nina com a filha Amanda



Lucas nos braços da avó Benvinda, Amanda e o avô José Rodrigues.



Lucas e Amanda, na casa dos avós José Rodrigues e Benvinda, em Santo Antônio do Monte.



## AMANDA

AMANDA, de olhos negros sem escuridão  
De alma mansa feito nuvem branca  
Que parece acariciar estrelas com a mão  
Creio nas borboletas que a rodeiam  
Nas primaveras que diz exalarem dos céus  
Nos anjos que ungem os raios do sol  
Que penteiam o cabelo dos cometas  
E que peneiram as águas da chuva  
Creio em seus vagalumes, luzes, galáxias...  
E mais, muito mais que isto, FILHA  
Preciso do encanto destes bordados que tece  
Num artesanato sem o odor dos mercados  
Apenas cheirando a leite e seio de mãe

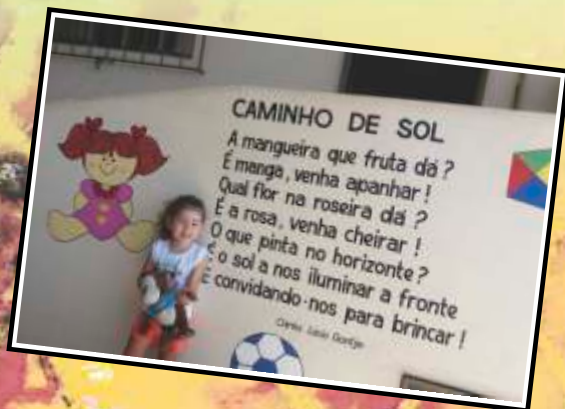


## LUCAS

LUCAS, meu filho, mandamento de amor  
Gota d'água que se emanou do pai  
Que se fez mar no colo da mulher-mãe  
Vem raiar manhãs, viçar os sóis  
Tingir de branco os lençóis da alma  
Alvejar o coração de calma e bola de meia  
Pintar lua cheia nas minguanças dos achados  
Até que em maré alta na praia dos mercados  
A vida lhe afogue a fantasia dos piões  
E lhe sufoque a cantoria da poesia  
Exigindo-lhe os pecados de adulto...



## Os netos são abelhas tecendo mel de luz no horizonte do caminho dos avós.



Abraçadinhas,  
as netas Júlia e  
Mariana (filhas  
do Lucas e da  
Renata Cristina  
Menezes Silva).



Carlos Lúcio com a neta Luara (filha  
da Amanda), em noite de Natal, no  
apartamento do bairro Eldorado.



## OLHAR DE NETA



Eu e Nina somos avós de neta-filha  
Ilha de ternura e sublimes nós de afeto  
Contato direto de Deus em nossa vida terrena  
Amena luz que nos enluara desprendida  
Assim é a nossa querida menina LUARA  
Perfeita unção do espírito na carne  
Porção de uma eternidade ainda maior  
A nos dizer sem rodeios desde agora  
Que hora de partida jamais existe  
Pois quando cessar o óleo de nosso suor  
LUARA carregará nos olhos o nosso olhar!



# JÚLIA

Horizonte em forma de gente

Sol nascente no meu coração

Estação nova no olhar de quem a vê

Menina preparando porção do querer

No balcão sublime da inocência de bebê

Derramando querência sem fim

Calor da mais pura hulha acesa

Assim é a ternura da beleza de Júlia

Chuva ensolarada de esperança nos quintais

Criança de olhos negros e luzes em fagulha

Dádiva na caminhada dos avós e dos pais

Que ouvem a voz artesã da agulha do tempo

Tecido com a lã mágica do sorriso de Júlia



# ESPERANDO MARIANA

A vida nos nega a ao passar  
O caminhar laceia os sapatos  
Pelos atos se reconhece a pessoa  
Ouço o sino do tempo que ressoa  
Minhas netas Luara e Júlia correm  
Preparam lua clara para receber Mariana





Na praça Paulo Pinheiro Chagas, no bairro Eldorado, em Contagem (localizada próximo do apartamento em que morávamos na rua João Augusto da Fonseca e Silva), passei muitas horas com os meus filhos (Amanda e Lucas) e minha neta Luara Nina. Foi nessa praça que eles aprenderam a andar de bicicleta



Carlos Lúcio, no terraço do apartamento da avenida João Augusto da Fonseca e Silva, no bairro Eldorado em Contagem, onde foi escrita a maioria de seus livros.

# Revendo a dona árvore

Carlos Lúcio Gontijo



No dia 8 de fevereiro, depois de exames médicos, fui ao bar do Zé Reis no bairro Eldorado, em Contagem, cidade na qual morei durante muitos anos. Pelo caminho encontrei Ana Lúcia, ex-vizinha de andar de prédio e, em seguida, provando quanto a nossa grande Belo Horizonte é uma aldeia, dei de cara com o amigo poeta e contador Luiz Cláudio, em plena Avenida João César de Oliveira. Ele estava na exaustiva tarefa de

distribuir currículo em agências de emprego, pois se acha inserido no bloco de desempregados cada vez maior Brasil afora, sob o comando de políticos que se engalinharam em disputa irresponsável pelo poder, jogando o país no caos econômico de maneira intencionalmente programada e, agora, não conseguem tirá-lo do fundo do poço.

Mais tarde, tomando a minha cervejinha, estive com o professor de história Luís, ao qual conheço graças aos artigos que eu publicava toda quinta-feira no indelével *Diário da Tarde*. Luís repercutia meus artigos em sala de aula e certa feita resolveu entrar em contato comigo. Pois bem, ele me confessou estar completamente decepcionado em relação aos rumos tomados pela política brasileira, na qual maus políticos (auxiliados por uma imprensa descompromissada com os destinos da nação) assaltaram a democracia e montaram um arremedo de poder administrativo, onde tudo é permitido, menos pensar nas camadas mais pobres da população.

Corria uma brisa fresca arrefecendo o calor e, de longe, eu avistava a enorme árvore que sustenta o ar bucólico que reina na Praça Paulo Pinheiro Chagas. Balbuciei baixinho: “boa-noite dona árvore!” Seus galhos sacudiam ao vento como se estivessem me respondendo e até mesmo me reconhecendo como seu benfeitor; lembrando que há muitos anos, com apoio do Alô! Alô!, famosa e prestigiada coluna do *Diário da Tarde*, eu a salvei.

Naquele espaço denunciei em dois dias seguidos a existência de um grupo de mendigos que estava vivendo na Praça Paulo Pinheiro Chagas e havia escavado um buraco na base do tronco da enorme árvore, mantendo ali uma espécie de fogareiro para fazer ou mesmo esquentar restos de comida. A fornalha improvisada no interior do tronco não sofria os efeitos do constante vento no local e, assim, ficava sempre acesa, anunciando rápida morte da bela árvore, que só não aconteceu porque a prefeitura acolheu com presteza a denúncia, convocando o seu pessoal técnico para imediata ação. O buraco no tronco foi limpo e preenchido com uma argamassa apropriada, à qual a árvore se adaptou bem e está lá com toda a sua frondosa imponência.

Sem dúvida alguma, o caso dessa árvore serve para ilustrar o que vem acontecendo atualmente no Brasil, ao qual atearam fogo infernal e a população – ordeira e desprovida de consciência política – não se dá conta, aceitando passiva e pacificamente as imposições de um autoritarismo diabólico, como se do tacho de maldades em fermentação na maquiavélica esplanada dos ministérios pudesse advir algum milagre benfazejo.

*Carlos Lúcio Gontijo*

*Poeta, escritor e jornalista*

[www.carlosluciocontijo.jor.br](http://www.carlosluciocontijo.jor.br)



Foto: Lucas de Oliveira Gontijo





# AS TRÊS CIDADES DO CORAÇÃO



## **SANGUE MONTENSE**

**De Santo Antônio do Monte eu venho  
É a terra que retenho no olhar  
É o par de olhos do meu passo errante  
É diamante incrustado no chão de meus pés  
É a terceira visão do meu caminhar distante  
Seu solo mirante parece remar pro céu  
A quase mil metros acima do nível do mar  
Razão de sua gente engenhar fogos de artifício  
Um ofício milenar de sagrada tradição  
Forma colorida de canção ao Criador  
Explosão de amor nos momentos de alegria  
E quem duvidar dessa vocação sadia  
Basta cortar a veia de um cidadão montense  
Para detectar o sangue iluminado  
Que, coagulado, pólvora irradia  
Como se fosse escravo enclausurado  
Condenado pela magia de fazer noite virar dia**

*Carlos Lúcio Gontijo*

# MINHA BH INTERIOR

Pampulha, Praça 7, Afonso Pena e Pirulito  
Tudo ali é rito de cativante fonte de prosa  
Horizonte embebido em aragem de luz  
Soa o sino da Igreja da Boa Viagem  
Abraço floresce tal qual sina de semente  
Cultivada no regaço do Parque Municipal  
O bate-papo termina no chope de um bar  
Balcão de boteco se transforma em beira-mar  
Toda Belo Horizonte cheira a Mercado Central  
Mineiro é sinônimo de encontro marcado  
Ressabiado como se meeiro de algum ouro fosse  
Nunca se perde nem anda a esmo  
Tem a si mesmo como provinciana capital  
Tece arte e canta no 'clube da esquina' do amor  
Por isso percebe em BH o seu próprio interior!



Carlos Lúcio Gontijo



*(NOTA: No ano de 2013, quando Belo Horizonte fez 116 anos, o poema MINHA BH INTERIOR foi usado na comemoração pela Associação de Agências de Viagem (ABAV-MG), fato que muito auxiliou em sua divulgação. O estabelecimento comercial "Espeto e Prosa", em BH, também o estampa em um grande painel permanente, no qual se acham expostas muitas fotos antigas da capital mineira. Em 2014, quando Belo Horizonte, no dia 12 de dezembro, comemorou 117 anos, o radialista José Lino Souza Barros (programa "Rádio Vivo" da Rádio Itatiaia) lançou mão do poema MINHA BH INTERIOR, para homenagear a capital de todos os mineiros).*

Nós, os mineiros, vivemos geograficamente em terra de montanhas e, humanamente, nas planícies do coração.

## **CONTAGEM**

**Se antes contava por contar  
Assim já não conto mais  
No ponto exato para amar  
A conta que hoje faço  
Tem soma de abraços  
Nada toma e cria laços  
Contagem me ensinou a juntar  
A apurar o garimpo da viagem  
E perfilar a vida passada a limpo  
Respirando apenas o bem e a aragem  
Provenientes da beleza de Várzea das Flores  
Dos andores sociais da Comunidade dos Arturos  
Das praças lembrando quintais sem muros  
Da criatividade fagueira da Casa dos Cacos  
E tantos outros incontáveis marcos  
De uma cidade forjada no aço operário  
E no passo portuário de sua gente!**

*Carlos Lúcio Gontijo*

# Os cães da família



Kika



Luck



Duda



## AOS MEUS CACHORROS

Na noite escura que se avizinha  
Duda sozinha procura por Luck  
Que adoentado foi para uma clínica  
O coitado gemia mergulhado na dor  
Num anúncio de que não mais voltaria  
Duda percebe nua a alegria da varanda  
Corre para ver o movimento da rua  
Sem saber que no tempo que anda  
Morre tudo o que sob o céu respira  
A morte sempre conspira por nos levar  
Vem à sua lembrança a velha Kika  
Enquanto seu latido multiplica saudade  
Silenciosamente lhe exponho a verdade:  
Duda, nesta vida ninguém tem trono  
Chegará a sua vez e a vez deste seu dono



*Carlos Lúcio Gontijo*



## CACHORRO AMIGO

Neste mundo de louvor à autoestima  
Que só se anima no amor ao consumir  
Um ditado a bramir trago comigo  
Como se tentasse separar joio do trigo  
Mais vale cuidar de cachorro amigo  
Que apostar no apoio de amigo cachorro!

*Carlos Lúcio Gontijo*

# FEIRA DO LIVRO NA PRAÇA 2018 (19 de abril) E LANÇAMENTO DO LIVRO A TARTARUGA GEORGINA (27 de abril no “Zap Bar Delivery”)



Carlos Lucio e Sabrina



No dia 19 de abril de 2018, a centenária Escola Municipal Amâncio Bernardes, organizadora do tradicional evento anual “Feira do Livro na Praça”, honrou-nos com o enfoque de nossa obra literária, principalmente os livros infantis, que foram magnificamente trabalhados por toda a sua comunidade escolar, envolvendo direção, professores e alunos, numa homenagem que nos encheu de estrelas o céu da alma.

A foto acima, na qual estamos com a aluna Sabrina, artista precoce que nos presenteou com belo quadro, comprova-nos que estamos na quarta geração de leitores, pois seu bisavô, o saudoso José Rosa, era nosso leitor. Há muitos anos comprou livro de nossa autoria para dar ao filho Antônio Marcos e, agora, encontro Sabrina, que é filha da professora Gracielle, neta do José Rosa, passando-nos a divina mensagem de que, se soubermos olhar, ninguém morre por inteiro. Ou seja, de certa maneira, José Rosa permanece vivo!

Então, depois da “Feira do Livro”, sobre um chão tatuado de estrelas caídas do céu da gratidão, encaminhamo-nos para o lançamento da obra infantil “A TARTARUGA GEORGINA”, em Santo Antônio do Monte.







# Em nome da criança que ainda vive em mim

*Berenicy Raelmy Silva*



Carlos Lúcio, afirmo-lhe que fico muito contente em saber que você continua dando espaço para sua criação intelectual, na qual você é único e brilhante. Estou maravilhada em ver que, no lançamento de "A tartaruga Georgina", seu 5º livro infantil e 21ª obra literária, seu público leitor é composto em

grande maioria por crianças, de todas as idades, até criança com boneca nos braços.

Fiquei tão emocionada, até me arrepiei. Olha a beleza e grandiosidade do que você consegue com seu carisma e sua obra: atrair crianças que ainda brincam de boneca e que estão povoando sua infância e dividindo seu tempo com o livro infantil. Já pensou nisso?! Você está marcando a vida dessas crianças, apontando um rumo para o futuro de adulto delas... Pus-me deslumbrada ao ver esse enorme número de crianças na fila para lhe ver de perto, para receber seu autógrafo.

Você talvez não consiga entender meu encantamento e minha emoção (quase de lágrimas), mas vou lhe relatar um desejo meu de infância. Quando no fundo do quintal, ainda criança de 9, 10 anos, eu lia livros roubados, arrebatada pelo que escreviamos autores e eu lamentava: Ó meu Deus, será que nunca vou ler um livro de escritor vivo, só vou ler livro de quem já morreu? Este era o pensamento que me dominava a mente, que nada mais era do que a expressão de um desejo de ver de perto o autor do livro que tinha em mãos.

Agora você pode entender os sentimentos que se apossaram de mim ao ver essas fotos do lançamento de "A tartaruga Georgina". Entrei na pele dessas crianças e me arrepiei. Em nome delas eu lhe agradeço por chegar a esse estágio de sua criação literária e ser causador dessa maravilha: ter tantas crianças na fila para receber autógrafo do autor de um livro infantil. Um livro feito e pensado para elas, para povoar o mundo delas. Obrigada em nome delas e da criança que ainda, graças a Deus, vive em mim.

***Berenicy Raelmy Silva***

*Psicóloga e jornalista*

**Encenação** do livro infantil pelos pequeninos alunos do “CEMEI DONA CHIQUITA” em Santo Antônio do Monte (dia 18 de abril de 2018), provando-nos que sem a grandeza de criança, adulto algum consegue ser gente grande.

Sobre o evento, disse a professora Eliane Martins: “Quem leva literatura e cultura aos pequenos, nunca perde tempo. Nós agradecemos ao amigo Carlos Lúcio Gontijo e sua esposa Nina por estarem sempre prontos para nos ajudar na árdua missão de trazer a cultura literária até nossas escolas. Que Deus continue abençoando vocês na caminhada em defesa do amor aos livros!”



## **Quarenta anos de um matrimônio em banho de estrela bem tomado**

NINA E EU, diante dos muitos nós da vida, cuidamos de sempre fazer dos limões do solo árido da literatura e da poesia uma saborosa limonada, capaz de adoçar e propiciar algum refrigério à nossa existência terrestre, que acima de tudo nos cobra o efetivo exercício do amor ao próximo.

Acreditamos, NINA E EU, que não existe prova maior de respeito pelo próximo que o ato de fazer do dom da arte da palavra escrita um ato idealista de promoção da sensibilidade e busca da plena convivência pacífica entre as pessoas, fazendo do planeta Terra uma grande praça pública de confraternização e troca calorosa de amizade e conhecimento.

Perante o limiar de nossos 40 anos de matrimônio (casamo-nos em 5 de maio de 1979), NINA E EU temos a sensação de dever cumprido dentro da humildade e da entrega à poesia e à literatura, levando a cultura da palavra escrita a muita gente através de nossos livros, seja nos romances, nas obras poéticas, nos títulos infantis e até nos artigos jornalísticos.

Viajamos a muitas cidades para apresentar a nossa fé na transformação da sociedade por intermédio da cultura, ofertando livros a bibliotecas públicas e a unidades escolares de ensino fundamental de municípios como Santo Antônio do Monte, Belo Horizonte, Pedra do Indaiá, Arcos, Divinópolis, Bom Despacho, Itapeçerica, Moema, Brasília de Minas, Tocantins/MG, Capim Branco e Contagem, onde estivemos no dia 27 de junho de 2018, para lançamento do livro infantil “A tartaruga Georgina” na Galeria de Arte da Casa José Augusto Rocha (justa homenagem ao saudoso amigo do extinto e indelével jornal “Diário da Tarde”, no qual publicava a famosa página “Bitoque”) e palestras na Escola Municipal Babita Camargos e no Instituto Educacional Novos Tempos, nos quais deixamos nossa profissão de fé e esperança na humanidade, sintetizada na sagrada forma de “livros a mancheias”, que – como Monteiro Lobato – acreditamos ser a melhor maneira de proceder ao semeio do sonhado mundo novo, social e espiritualmente, que nos virá cheirando a banho de estrela bem tomado na imensidão da divina luz das galáxias.

**FOTOS DO LANÇAMENTO DO LIVRO INFANTIL “A TARTARUGA GEORGINA” (EM CONTAGEM), NA GALERIA DE ARTE DA CASA JOSÉ AUGUSTO ROCHA (27/06/2018), EVENTO QUE FOI SEGUIDO DE PALESTRA MINISTRADA A ALUNOS DO INSTITUTO EDUCACIONAL NOVOS TEMPOS (DIA 28/06/2018) E ENCONTRO COM ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL BABITA CAMARGOS (DIA 29/06/2018).**

*(Os registros fotográficos são de Mário Antônio de Oliveira e Conceição Nina de Oliveira).*





## MARIA GRECO FOI DESENHAR ESTRELAS NO CÉU



“Carlos Lúcio Gontijo escreve porque vê, conota e conta. Nasceu escritor. Eu o vi escrever em Santo Antônio do Monte e acompanho com orgulho a sua trajetória de 'borboleta lógica', torcendo sempre pelo seu sucesso”. (Assim escreveu a saudosa professora Maria Greco, na orelha de nosso romance “Lógica das borboletas”).

Eu e Nina estivemos no apartamento da professora Maria Greco, na cidade de Belo Horizonte, há pouco tempo, antes de sua morte no dia 2 de julho de 2018, deixando-lhe livros de minha autoria para que ela os repassasse a alguns de seus amigos.

MARIA GRECO foi minha professora (e também da Nina) de ensino fundamental na famosa e popularmente conhecida “Escola da Dona Maria Castro”, em Santo Antônio do Monte, enchendo-me de incentivo desde que observou em mim, no transcorrer do “Curso de Admissão”, o gosto pela escrita. Mais tarde, como forma de agradecimento, passei-lhe a incumbência de elaboração da orelha do romance “Lógica das borboletas”.

Comunicávamos quase todos os dias através de mensagens pelo celular, até que MINHA PROFESSORA MARIA GRECO PARTIU DESTE MUNDO, CONVOCADA POR DEUS PARA DESENHAR NOVAS ESTRELAS A GIZ DIVINO, NAS LONJURAS CELESTIAIS.

(Na foto, temos Nina, eu, Maria Greco e a irmã Lenir, que foi minha professora na Escola Municipal Waldomiro de Magalhães Pinto, onde cursei o ensino fundamental. O registro aconteceu durante o lançamento do romance “DESMEMÓRIA DE HORIZONTE” e “BEIJOARIA” em Belo Horizonte, no dia 06 de maio de 2017).

As palavras não são capazes  
de vestir o amor, porém  
sem elas os amantes não  
suportariam carregar o  
encanto de sua nudez...

Eternamente, dos  
varais da paixão,  
Carlos Lúcio e Nina.





## ÍNDICE REMISSIVO

Dedicatória .....	06
Prefácio.....	10
Bodas de bule .....	14
Mulher de paz .....	15
Desaquecimento .....	16
Cio torrente .....	17
Pó de giz .....	18
Asas de bule .....	19
Intimismo .....	20
Delação .....	21
Rastilho .....	22
Destino do vento .....	23
Porto invisível .....	24
Sebo .....	25
Galáxia de saliva .....	26
Flor dos olhos .....	27
Choro passageiro .....	28
Demora .....	29
Além de mim .....	30
Cura .....	31
O sim do não .....	32
Duas taças .....	33
Afeto .....	34
Leitura de gente .....	35
Luzes de Paris .....	36
Bairro Eldorado .....	37
Intervenção divina .....	38

Ente iluminado .....	39
Chip espiritual .....	40
Clarão .....	41
Vaivém .....	42
Ombro amigo .....	43
Dois em um .....	44
Cordialidade .....	45
Reaja povo! .....	46
Esquecimento do lar .....	47
Síndrome umbilical .....	48
Música .....	49
Decência .....	50
Cavaleiro da lua .....	51
Tudo passa .....	52
Colheita de olhos .....	53
Bule mágico .....	54

## **Novela**

<b>CAFÉ SEM PÓ</b> .....	55 a 93
Biografia .....	95
Obras de Carlos Lúcio Gontijo .....	97
Adendos .....	101 a 136

literárias à estação gráfica, como o romance “Virgem santa sem cabeça”, prefaciado pelo jornalista e professor Celso Brant; “O menino dos olhos maduros”, novela com prefácio do jornalista José Carlos Alexandre; “O ser poetizado”, em verso e prosa; “Cabine 33”, romance com apresentação da escritora Therezinha Casasanta; “Lógica das Borboletas”, romance com prefácio do advogado e escritor João Silva de Souza; “Duducha e o CD de Mortadela”, primeiro livro infantil; “Jardim de Corpos”, romance apresentado pela professora Ângela Rodrigues Mesquita; “Quando a vez é do mar”, romance prefaciado pelo poeta Antônio Fonseca; “Lelé, a formiga travessa”, segunda obra infantil; “Poesia de romance e outros versos”, com prefácio da professora, poetisa e escritora Regina Morelo; “O guarda-chuva do Simão”, terceiro livro infantil; “Tempo impresso”, com prefácio da poetisa portuguesa Carmo Vasconcelos; “Beijoaria”, quarta obra infantil; “Desmemória de horizonte”, 8º romance (2017); “A tartaruga Georgina”, quinta obra infantil (2018); “Bodas de bule/ Café sem pó” (poesia e novela), quando a velha maria-fumaça literária em que tomamos assento, movida pela comemoração de nossos 40 anos de convivência matrimonial com Conceição NINA de Oliveira, chega à estação de nossos 67 anos (27 de abril de 2019), transportando nosso 22º livro sob o embalo sonoro de família e amigos reunidos em sublime confraternização e apreço pela cultura, que é fonte de sensibilização e formatação da maneira de cada um de nós caminhar pela vida afora, que só fará sentido quando alcançarmos horizonte de aurora social capaz de iluminar, igualmente, toda a humanidade.

Muitas vezes, enfrentamos o dissabor da indiferença e o silêncio em relação à nossa doação de livros a tantas escolas, a tantas bibliotecas, mas as pedras no caminho dignificaram (e dignificam) a nossa caminhada honesta na ambiência do mundo das letras. Hoje, olhamos para os céus e balbuciamos para nós mesmos: ainda bem que gente mal-agraçada não tem o poder de impedir o semeio da amizade verdadeira!



ASSIM COMO O AMOR QUE SE CONHECE  
JÁ ERA CONHECIDO, O CHEIRO  
DO PÓ DE CAFÉ HABITA O GRÃO  
QUE SEQUER FOI COLHIDO.

Visite a nossa página.  
[www.carlosluciocontijo.jor.br](http://www.carlosluciocontijo.jor.br)

